

Édison Hüttner

ROSÁRIO

Orações de Outubro



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler

Dom Dadeus Grings

Reitor

Joaquim Clotet

Vice-Reitor

Evilázio Teixeira

Conselho Editorial

Alice Therezinha Campos Moreira

Ana Maria Tramunt Ibaños

Antônio Carlos Hohlfeldt

Draiton Gonzaga de Souza

Francisco Ricardo Rüdiger

Gilberto Keller de Andrade

Jaderson Costa da Costa

Jerônimo Carlos Santos Braga

Jorge Campos da Costa

Jorge Luis Nicolas Audy – **Presidente**

José Antônio Poli de Figueiredo

Lauro Kopper Filho

Maria Eunice Moreira

Maria Helena Menna Barreto Abrahão

Maria Waleska Cruz

Ney Laert Vilar Calazans

René Ernaini Gertz

Ricardo Timm de Souza

Ruth Maria Chittó Gauer

EDIPUCRS

Jerônimo Carlos Santos Braga – **Diretor**

Jorge Campos da Costa – **Editor-chefe**

Édison Hüttner

ROSÁRIO

Orações de Outubro



edipUCRS

Porto Alegre, 2009

© EDIPUCRS, 2009

CAPA Vinícius Xavier

ILUSTRAÇÕES Hélio Coelho Ferreira

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS Patrícia Aragão e Eurico Saldanha de Lemos

REVISÃO do Autor

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Vinícius Xavier

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  GRÁFICA



EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS - Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
e-mail: edipucrs@pucrs.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H983o Hüttner, Édison.

Rosário: Orações de outubro / Ir. Édison Hüttner. –
Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
82 p.

ISBN 978-85-7430-849-4

1. Religião. 2. Mariologia. 3. Orações. 4. Rosário.
I. Título.

CDD 242.74

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

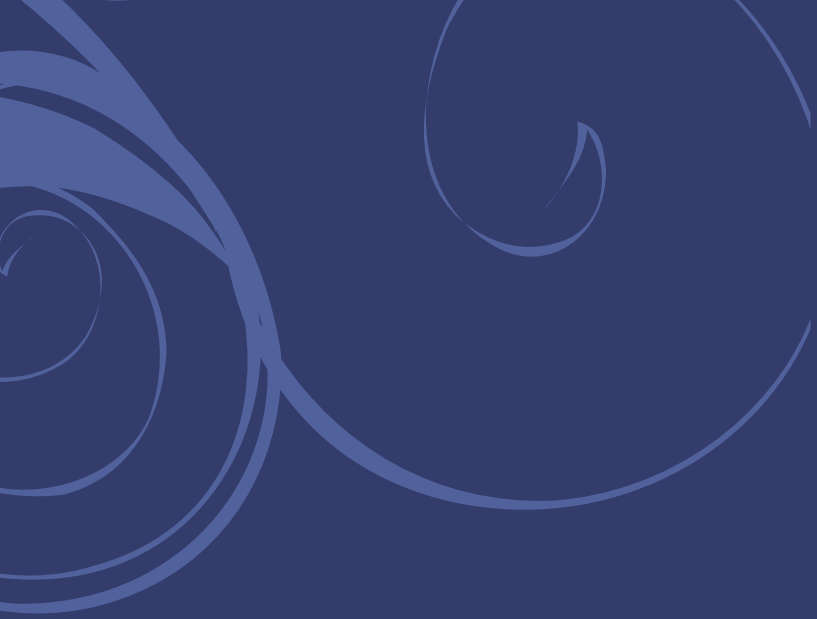
Apresentação

Uma pérola surge do trabalho silencioso que cristaliza a paisagem, transfigurando-a em pedra preciosa. Aqui está uma pérola brilhante e irradiante. Pérolas são gestadas, passam pelo trabalho do parto, nascem como testemunhas. Contemplar uma pérola é encontrar concentrada toda a paisagem ao redor, confecção de cristal do longo processo da gestação. Aqui está uma pérola mariana, gestada e trabalhada por um devoto, um marista, Édison Hüttner, calmo e discreto por fora, mas borbulhante por dentro. Ele nos dá um presente, uma pérola de palavras, um poema, e, com as palavras e o canto desse poema, nos convida a segui-lo e a passear nessa translúcida paisagem mariana.

“Toda paisagem amada é um estado de alma”, nos dizia Gaston Bachelard. A alma mariana de Édison nos desvenda uma paisagem amada e compartilhada. Este “Akhatistos” renovado, seguindo uma grande tradição da Igreja desde os seus primeiros séculos, é um poema que canta a figura da Mãe de Deus com as metáforas da paisagem, com a imagem da luz e das estações da terra, que une o que há de mais humilde e poderoso na criação, desde a pureza dos regatos até o esplendor das estrelas, com o que há de mais humano, terno e vigoroso, diante do poder de transfiguração do divino: a figura da Virgem Maria, a Mãe.

A glória da taça é o precioso líquido que ela contém, e a sua felicidade é servi-lo. Este poema, saído das mãos e do coração de um devoto, é a taça que nos brinda com o mais diáfano líquido da devoção cristã. Saboreando e sabendo, participando em cada verso desta oração tecida de rosas – o rosário – também participamos da sua alma, e, mais ainda, da comunhão que o Criador e o Filho nos oferecem na transfiguração da Mãe.

Luiz Carlos Susin



“O Rosário, para ser bem rezado, não se
há de rezar só com a boca, senão
com o coração e com as mãos.”

Padre António Vieira,
Sermão X - Maria Rosa Mística.



SUMÁRIO



Prefácio / 9

PRIMEIRA PARTE

O Devoto / 11

SEGUNDA PARTE

Hino - A Pétala Branca / 39

FINAL

Mariologia / 53

1. Introdução / 55

2. Resumo comentado: o Devoto / 56

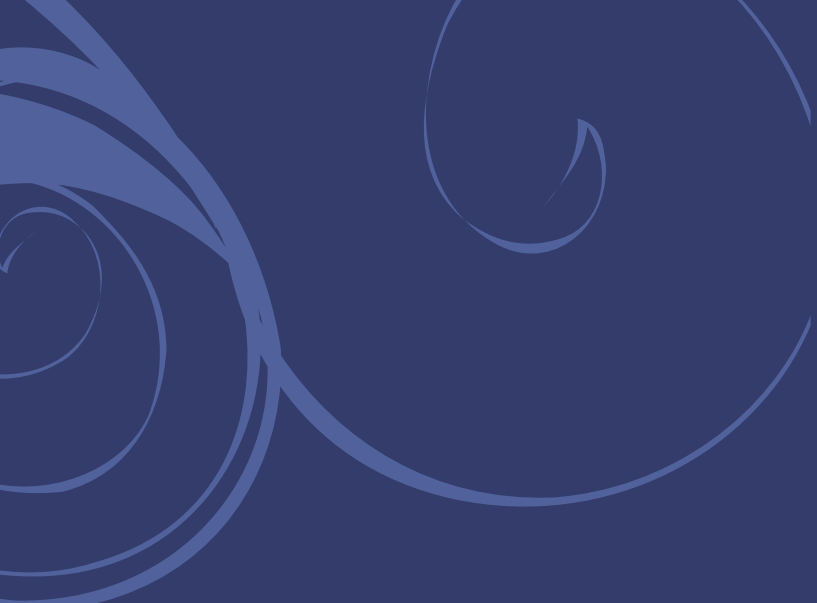
3. A Pétala Branca / 58

Referências / 64

Documentos eclesiaisicos / 65

Bibliografia geral / 65

Notas / 68



*Durante séculos a oração do Rosário revelou
a face mística da Igreja, conduzindo as pessoas,
por récitas de Ave-Marias, ao coração da vida divina,
a contemplação de Jesus Cristo.*

Prefácio

Rosário: Orações de Outubro teve início numa tarde nublada de outubro de 2001 quando rezava o terço no bosque de pinheiros da Casa Geral Marista em Roma, na Itália.

À luz dessa inspiração, cujas orações se criaram, muitas imagens ficaram guardadas no meu pensamento para sempre. Ainda vejo sereno o distante tempo, as palavras vestindo incontáveis páginas, antigas chamas de uma tarde de outubro, ainda acesas, anelam e expandem à sua luz: o sorriso de uma criança correndo com pássaros do gramado verde de Champ de Mars, em Paris, em setembro de 2001, um dia antes do ataque de aviões às duas Torres Gêmeas em Manhattan, Nova Iorque; a Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, o quarto mistério, compilada por João Paulo II, em 16 de outubro de 2002; a visita de Bento XVI, no dia 29 de novembro de 2006 à Turquia, em Éfeso, ao pequeno santuário de Meryem Ana Evî – Casa de Maria, situado num local muito sugestivo: a chamada Colina do rouxinol, no Mar Egeu, onde Maria viveu os últimos momentos de sua vida; a meditação dos textos durante missões com os índios da Amazônia brasileira: Kocama no Alto Solimões, Arara em Ji-paraná, Yawalapiti no Alto Xingu e Apurinã na Boca do Acre.

Aos devotos e a quem se destinam essas orações, que tua face, ó Mãe, flamejante lua do escuro das árvores, ilumine nosso caminho; que teu olhar, Mãe, esplendente pássaro de sol dos vitrais dos templos, incendeie nossas mãos, como ícone ao romper da aurora, na mesa sagrada, no teu olhar, a imagem de récitas pousando no Jardim.

Édison Hüttner

Porto Alegre, 23 de março de 2009.



PRIMEIRA PARTE

O DEVOTO



*O dia entrega a mensagem a outro dia,
e a noite a faz conhecer a outra noite.*

(Salmo 19, 3)

I

A Cúpula



Como são belas as manhãs de Roma! Na radiante aurora, pássaros sobrevoam as planícies de girassóis, pousam nas cruzes das torres e, ao dobrar dos sinos, descem nas praças para caminhar com as crianças.

Na *Basílica de Santa Maria Maior*, uma jovem, com suaves toques de flauta celebra o Rosário. Rejubilam os fiéis encantados com a melodia que circula no templo, nas alturas! Quando toda a gente aplaude o coro e orquestra entoando a *Ave-Maria* de *Schubert*, lá está o Devoto, extasiado no corredor da nave central.

Na cúpula alegram-se seres celestes, os quais muitos ouvem este louvor:

*O coração do Devoto
transborda de alegria,
represando cálices de lágrimas,
que, ao calor do Espírito,
formam nuvens de sonhos
pairando na cúpula colorida,
onde em silêncio são tingidos,
de janela em janela,
à luz dos vitrais
de Maria.*



*Existem cores
nas paredes,
nas janelas,
para colorir sonhos
ainda não pintados.*



A intuição da noite



A missa termina. As vozes do concerto se calam. Na escadaria do templo, entre o júbilo dos fiéis, o Devoto encontra a flautista.

— **Retornemos até o templo**, propôs ela, pois convém um lugar silencioso, quando a voz ecoa do mais puro sentimento.

No primeiro banco da nave esquerda do templo, a flautista, ajoelhada ao lado do Devoto, observa no altar o crucifixo de prata cintilando sob o sol dos vitrais (...) até desfocar o facho da imagem, depois lhe diz:

— **Seu amigo foi encontrado sem vida, não existe mais. Matou-se no Brasil, enforcado numa árvore do bosque de jabuticabas próximo à cidade de Passo Fundo.**

Com a face em lágrimas, o Devoto abraça a flautista e, recusando qualquer consolo, parte para casa, conduzido por uma estrada ventosa, ladeada de pinheiros. O mariano segura o terço e inicia os mistérios, mas, confuso, volta-se aos céus, dizendo, sem parar:

— **Tirar a própria vida é difícil de entender.**

No meio de tantas orações, Deus! E as Ave-Marias?



*Algo existe no ar
quando acontecem tais fatos,
ou quando vão acontecer,
longe de nós.*



O jardim



A noite trevosa caía, e a lua jorrava sobre o chafariz de águas calmas da casa do Devoto. Ele contempla o único caminho, rezar, pela voz lancinante que surge do escuro das árvores:

— **Permaneça no jardim!** É Raimundo, o amigo perdido esperando ouvir orações, uma Ave-Maria em latim.

Vendo a missão inacabada, o Devoto se dirige para o quarto. Tira da parede sua cruz, pega o terço, deixando-os sobre a mesa, à luz de três velas amarelas. Ao olhar novamente a cruz, percebe a mão esquerda de Jesus sem o cravo. Talvez tivesse caído ao tirá-la da parede.

Nas folhas das árvores do jardim, ecoa uma voz angelical.

A paixão pela cruz e a aventura de desvendar o enigma das mensagens são como folhas de cravos vermelhos revoando sobre gramados de jardins em festa, rodeado de tendas alvas, sombreadas por folhas de plátanos. São sublimes chamadas crepitando ao anoitecer, até estalar a faísca, quando a luz se perde na janela.



*A lua desliza solenemente por entre
os galhos silenciosos dos pinheiros,
no horizonte estrelado do jardim.*

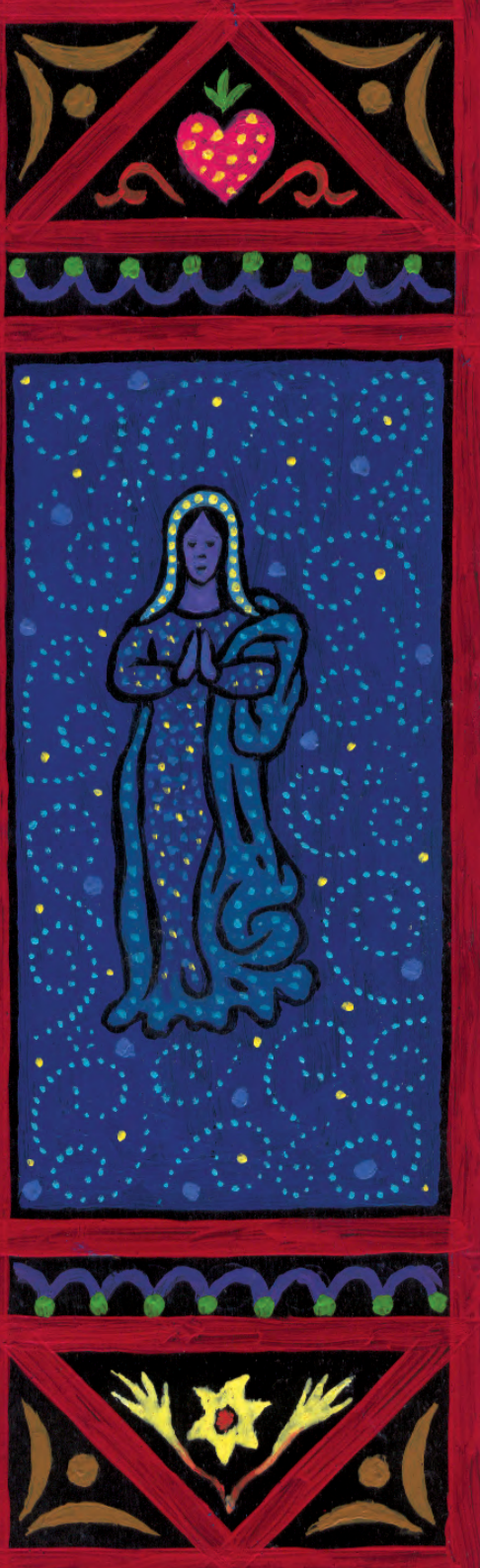
IV

A Prece



Para o Deyoto, a noite é grande, ainda que as rosas não floresçam, nem os pássaros voem. É quando os símbolos acendem a chama, no silêncio, numa voz, ao frescor da janela:

*Ó, Maria!
Ó, boa Mãe!
Por isso és mãe!
Braços cor estrela da noite
Acolhem-nos
com calor maternal
para contemplar-te,
no teu colo, Mãe!
Em teu olhar,
para jamais nos abandonar.
Mãe tão bela!
Clima do Céu!
Face cor lua da manhã,
quando nos aproximamos,
ao chegar perto,
mais perto,
no teu coração, rosa branca
como orvalho nas pétalas,
no teu amor,
acordaremos todas as manhãs!*



*Querida Senhora,
teus olhos castanhos,
tão fortes.*



A noite



Isso acontecido, o silêncio é feito. O Devoto adormece. Em seu leito arma-se misteriosa tenda de sonhos esquisitos. Acima dos sonhos, anjos conversam entre si:

— Vertiginosas imagens prendem seu pensamento, como visgo de figueira nas unhas do pardal. Não é verdade que às vezes lateja na consciência o dever de rezar por alguém?! A vontade celeste o incumbiu de tecer as últimas orações, pela alma do amigo, para que pudesse chegar segura à eternidade, passando por cima do mar das tempestades, no tapete alado da fé.

— Mistério e sentimento são os sonhos do Devoto. Corcel selvagem que corre no deserto, alquimia do desejo taumaturgo e beduíno, indestrutível vírus da inspiração, rio silencioso da noite, podem deixá-lo, na fronteira das luzes do Jardim.

Como quem encontra uma flor branca, sob o brilho silencioso da lua entre os galhos secos do pântano, se vê a imagem de folhas escritas nas mãos do Devoto. A intuição da noite o conduziu até uma pena para escrevê-la, porém, ao despertar, esquece.

Os anjos, no frescor da alba, dizem assim:

— O pesadelo e a harmonia de muitas noites ao pé da alvorada nem sempre deixam rastros ao alvorecer. Porém, ao luar da manhã, aos pés da Mãe Rainha, é possível seguir o caminho.



*A vida, semeada de mistérios,
colhida aos poucos,
na flor da pele.*

VI

Sinais



Amanheceu. Sinos de bronze despertam pássaros, a intuição do Devoto.

O que vê, porém, são fios de teia de aranha quase invisíveis, cintilando no azul do céu.

O Devoto perscruta a origem dos sinais. À noite, segue para Assis.



*Sol e brisa,
símbolos flutuantes
de caminhos sem fim.*

VII

O vale de Assis



Em Assis as procissões purificam as almas, semelhantes à areia transformada em cálices de cristal, em vidros finos de janelas, nunca perdem o brilho. As procissões pedem paz, ali começa a paz.

Depois de um dia de peregrinação o Devoto descansa sentado no gramado de uma pequena praça triangular situada na encosta do vale. Uma criança corre em sua direção. Para à sua frente sorrindo. Dá meia-volta e corre. Do centro da praça acena para o Devoto apontando com o dedinho para as pombas que se alastram à sua volta, voando e pousando, alimentando-se de sementes de girassóis. Outra vez corre em sua direção. Sorri. Abana a mãozinha e volta para os braços da mãe.

O sol se põe na planície.

O Devoto parte de Assis.

Anjos acostumados a andar em revoadas na cidade do seráfico príncipe se voltam para o Devoto, dizendo:



*Assis! Assis!
Ninho na encosta do vale
Onde fecunda a paz.
Ah! Se as pombas pudessem
Levar-te ao Brasil,
Ao bosque de jabuticabas!
À igreja de São Miguel!*

VIII

Maravilhoso Rosário



Fazia uma noite agradável em Roma. O Devoto caminha pelo bosque de sua casa... Ao rezar, percebe luzes vivas, desprendendo-se das contas do terço, voam de suas mãos. Deus, aonde a oração pode chegar! Um pássaro parecendo vidro refletindo luz por todos os lados surge com asas rápidas resplandecendo a noite. Verdadeiras aves cintilam por entre galhos clareando a cúpula verde dos pinheiros. Exulta o Devoto:

— *Voem, pássaros de cristal,*

Voem, pássaros luminosos!

Ajoelhado no ervaçal seco do bosque, o Devoto contempla o céu ventoso, repleto de luzes selando outra constelação, signo de ouro, guia das gentes, criado por agulhas do Universo, a formosa imagem do manto da Virgem, bordado com as pontas da lua crescente, o escuro da noite, com os pássaros brilhantes, cuja fonte verte das mãos do Devoto, clareando o topo dos pinheiros, ascendendo para sempre o filial amor.

Festejam três anjos velozes por entre as estrelas brilhantes do manto negro de bordas prata azuladas da Virgem, felizes cantando:



Maravilhosa a oração do fiel, maravilhosa oração! No cordão do terço ele começa a rezar, na outra ponta está a mão do Senhor. No cordão os polos se encontram para estabelecer, em cada mistério, nas contas, a corrente, o elo do amor.

Incansáveis dedos do cálculo místico, carícia filosófica, transmutam pedras de rosas em aves de ouro, fortuna inigualável ao que existe de mais precioso abaixo do sol, constituindo-se em voos de círculos de luz, a fogueira da brisa dos anjos.

Mágico novelo de Ariadne, por ele é impossível errar o caminho, no escuro, perante a violência minotáurica, ninguém se perde no labirinto, todos chegam seguros ao porto, à luz que conduz ao Jardim das Rosas.

*Teu olhar, Mãe,
teu olhar
está no luar.*

IX

A carta



Os bons ares da última tarde de outubro assoviam na veneziana do quarto do Devoto... Uma carta é jogada por baixo da porta, deslizando até seus pés. Sentado na poltrona, abre-a e lê:

“Querido filho! Hoje o dia raiou exuberante. Enfeitamos a gruta da varanda da casa. Aos pés da pequena Virgem de cedro-rosa, colocamos flores e pintassilgos de porcelana, cada um simbolizando os quatro mistérios do rosário. Ouvimos pela primeira vez o som do sino de bronze das ruínas da igreja de São Miguel. Ecoou em toda a cidade.

Estive ontem à noite nas ruínas... Devo lhe dizer. Os holofotes iluminavam a fachada da igreja, a torre, aqueles arenitos milagrosos, a garoa, inspiravam os sentimentos mais profundos. Mas, algo me atraía do interior do prédio. Admirada, entrei pela porta menor à esquerda do pórtico central da igreja. Caminhei ao longo da nave lateral. De repente notei um sopro, qualquer coisa se movendo na escura galeria, por entre os arcos, andava... Ali, na parede grossa, embaixo do umbral da porta de acesso às ruínas, estava um arcanjo. Parei. O santo alado olhou-me com braços abertos... Seus cabelos cintilantes pairavam, com outro vento, o vento de uma mensagem, revelada nos gestos de suas mãos:

– Não saia do templo! Venha!

Segui para a nave central. Ajoelhei-me na grama. Rezando imaginava espectros de seres que habitavam o espaço, o raro teto do templo... Concluí as orações com Ave-Marias em latim, como me pediu o ser iluminado. A garoa havia cessado. Ergui-me. Subitamente entrou um pé-de-vento pela porta central da igreja, estralando em minhas vestes, percorria todo o prédio... No alto de todas as paredes do edifício, estrelas cintilantes tinham arquitetado o símbolo de uma só cúpula, de um só jardim, a face do Verbo Salvador.



Retornei às ruínas hoje à tarde. Os artesanatos dos índios guaranis são lindos. O sino grande que ouvimos ao amanhecer devolveu encanto à cidade de São Miguel, à tarde, permanecia adormecido na calçada do museu, ao lado da pilastra. Dali, dirigi-me ao outro lado do museu levando comigo as inscrições talhadas no sino de bronze:

ANGELVS PACIS MICHAEL IN AEDES

S. MICHAEL ORA PRO NOBIS ANNO 1726

No centro da parede branca, entre antigas pias batismais, estavam dois anjos, ao que parecem, *querubins de arenito*, um de frente para o outro, ajoelhados, simulando a entrada de um pórtico. Quem os trouxe, dizem, antes de encontrá-los, sonhara com mãos azuis de anjos, depois os batizou com o nome de *angeli missionum*, ou seja, *anjos das missões*, pois ainda não se sabe sua hierarquia, o lugar que protegem. Para quem chega ao museu pelo trilho de entrada do Sítio Arqueológico São Miguel Arcanjo, este é o ponto inicial. Antes de partir desci à calçada, à direita da parede branca. Caminhei alguns metros na grama batida, até a *Cruz de Caravaca*, agora protegida pelos dois *querubins de arenito*, da mesma pedra, como conta a lenda... Adornei-a colocando entre seus dois braços um terço de sementes de girassóis.

Você ainda tem aquele terço de contas verdes fluorescentes que lhe enviei? Que Maria o acompanhe. Carmem.”

São Miguel, 7 de outubro de 2006.

*O sol do entardecer ilumina
o descampado,
a cruz moura.*

X

A Pétala



É madrugada em Roma. O Devoto acorda. Na escrivaninha repousa o terço sob cera de velas consumidas à brisa do umbral enlugarado da janela onde cintila o cravo da cruz, protegido por dois querubins, até amanhecer nas brumas, quando sob folhas de papel surge nitidamente, como encontro do sol com a rosa: *Rosário: Orações de Outubro.*



*O sol começa a iluminar as encostas da colina
onde canta e voa aos céus
um pássaro com asas amarelas.*

XI

Pássaros do Sol



É outro dia. O Devoto toma sua taça de café à beira-mar... O pôr do sol do entardecer queima sob a crista do infinito mar cintilante de *Ostia*, perto de Roma. Ao contemplar o quadro que se apresenta o Devoto vê, sentado à última mesa, um Amigo, que mais tarde pensaria na criação da “Irmandade do Rosário”. Ele chega a sua mesa. Senta-se. Fita distante o mar. Depois lhe diz:

— A tristeza invadiu-me a alma.

Semblante bronzado, com leve sorriso, o Devoto fitou-o, no fundo do olhar:

— Amigo! Onde foi que teu terço arrebentou?

Ao lembrar-se de sua via íntegra, responde:

— Já se passaram anos quando as Ave-Marias eram o canto de minha alegria.

Com espírito exaltado o Devoto deixa fluir o manancial da sabedoria de noites e noites em oração:

— Peço-lhe que acredite nelas. Isso precisa ser feito, para não perder o caminho!

O Devoto e o Amigo se retiram da mesa, rumo à praia, envolvidos pela brisa marítima, conversando a respeito dos mistérios do rosário...

As palavras do Devoto encontram os ventos:

— Quando vires um pássaro voando alto,
ou trinando na frente de tua janela, lembra-te!
Uma Ave-Maria pode ir muito longe... O amor
de Maria é assim.

Na praia, um anjo azul caminhando sobre as
águas do mar conduz nas mãos uma pomba cinza-
avermelhada e seu canto divino. Sorrindo, diz o ale-
gre anjo:

*Existem muitos lugares maravilhosos
no mundo, porém, nada se compara
ao mar aberto.*

XII

Sementes do mar



O sol se põe no horizonte do mar. O Devoto entrega ao Amigo vários escritos sobre o rosário. Diz depois:

— Nenhuma de tuas Ave-Marias foi em vão! Ecoam nos Céus. Chegam às portas, até o templo da voz de Deus (...). Um dia passa rápido, mas pode ser especial, se escutarmos a voz de Deus. Quando a ouvires, segue-a! Não há maior alegria do que ouvir a voz de Deus.

Ele estava perdido nos areais, mergulhado no medo. Mas a devoção emerge em suspiros, ao pôr do sol dos vitrais do mar:

— Bom amigo! Quem sabe esta alegria, assim como o silvo de pássaros ao despertar da natureza, suba de todas as árvores! Transforme a terra num só jardim!

O Devoto coloca o terço no bolso. À vista do Amigo que parte, colhe algumas conchas e as lança no mar... Com o calcanhar desenha um coração na areia, depois, segue sua jornada, lembrando: “O semeador saiu a semear a sua semente” (Lc 8, 5).



*Os pássaros gostam de
ver aqueles que andam
nas praças e na orla do mar.*

XIII

Prelúdio



No caminho da vida, quando os horizontes se incendeiam, no meio das cinzas,
a alma vive sem amor.

As figueiras secam na beira da estrada.

As nuvens cegam as tardes.

As luzes do bosque se apagam.

Mas quando nada parece pulsar, ressurgem a súplica, os pássaros de luz!

Em solene procissão de festa dominical, os devotos da Irmandade do Rosário
conduzem a Santa de manto estelar, em seu andor dourado, com seu terço de pé-
rola, iluminando o caminho aonde todos querem chegar.

O andor está ao lado do altar.

Dentro do templo, incensos... Venta nas janelas dos vitrais. No corredor da nave
central andantes rezam Ave-Marias... Junto ao andor, aos pés de sua Rainha, no
meio de um vaso colorido, o Devoto oferta um botão de rosa vermelha. Glorioso!

Vozes se elevam aos céus:

Exulta, ó Virgem do Rosário!

Salve, Virgem! Maria!

Os coros cantam: *A Pétala Branca*.

Inicia-se a homenagem ao Rosário.



*Os ventos,
os ventos escrevem o teu
nome, Maria.*



SEGUNDA PARTE

HINO

A PÉTALA BRANCA



*Quem é essa que sobe do deserto apoiada
em seu amado?*

Cântico dos Cânticos 8,5



Antífona

Rosário, argola excelsa e preciosa,
Da corrente que a todos nós liberta,
A aliança que nos une!

Rosário, riqueza audível da crença,
Da orquestra trinitária o instrumento,
A mão que os sinais descobre!

CORO I

Ave, Maria, récita da fé!
Vibrando no corpo inteiro,
Incendiando cada veia
Em tochas de muitas cores,
A árvore da vida acendes.

CORO II

Ave, Maria, erário da esperança!
Das manhãs de outubro,
Mil devotos suplicam a beleza
Do teu materno olhar às doze estrelas
A coroa que cinge tua fronte.

CORO III

Ave, Maria, pássaro da caridade!
Nos galhos verdes voa para longe,
No calor de tua mão,
Da luz de teu manto,
O céu todo se nos abre.

Glória, ó Virgem do Rosário!

Mistério da Alegria

ORAÇÃO

Pai-Nosso, nas noites de Belém,
Santificado seja o Teu nome!

ANTÍFONA

Ave, ó Virgem das virgens escolhida!
Alegria dos anjos e pastores,
Alegria dos magos e cristãos,
Contemplando a suprema Trindade.

Os AMIGOS

Antes do ventre materno,
escondido como seta afiada
em sua aljava, Ele nos conhecia.
Ó, Deus, onde estaria Tua Voz,
quando nos escondíamos no paraíso,
e Tu nos procuravas?

O DEVOTO

No silêncio da Arca escutando o Magnificat de Ana.
Em Ain Karim meditando o Benedictus de Zacarias.
Numa noite do universo à sombra luminosa de Belém.



INTRODUÇÃO

Alegra-se a Virgem no calor de Tuas mãos,
Ó, Altíssimo, tal como a Sulamita,
Entre os coros de Salomão,
Que homenagens lhe prestam, cantando:

Ave, Virgem!

CORO I

Ave, beleza da noite!
Ave, luz de *Ain Karim*!
Ave, alegria dos anjos!
Ave, oásis de Belém!
Ave, alfa do Encarnado!

CORO II

Ave, lua do Espírito!
Ave, ícone da Graça!
Ave, rosa dos sonhos!
Ave, noite do Jardim!
Ave, sabedoria do templo!

Glória, ó Virgem do Rosário!

Mistério da Luz

ORAÇÃO

Pai-Nosso, na festa das Bodas,
Santificado seja o Teu nome!

ANTÍFONA

Ave, ó Maria, toda sempre iluminada!
Benditos sejam: João Batista, os Doze e os Noivos!
E benditos: Moisés, Elias e os três Apóstolos,
Transfigurando-se na Luz do Tabor.

OS AMIGOS

Sob várias luzes, o Senhor nos contempla
e, por suas mãos, a vida floresce.
Porém muitos não encontram as sementes.
Senhor, onde estão os frutos de Tua história?

O DEVOTO

Na sarça de Madiã com o anjo de fogo.
Sobre carro e cavalos de fogo.
Na fogueira da Babilônia à brisa do anjo enviado.



INTRODUÇÃO

Olhos de sarça incendeiam os pinheirais,
Consumindo-nos todos em brasas.
No Orvalho, onde germinam
vides sobre as cinzas,
Convivas saciados exaltam este nome:

Ave, Jesus!

CORO I

Ave, mistério da Luz!
Ave, templo da Voz!
Ave, mestre das festas!
Ave, aurora do Reino!
Ave, lei dos transfigurados!

CORO II

Ave, clareira dos pássaros!
Ave, felicidade dos noivos!
Ave, justiça da montanha!
Ave, manancial dos Santos!
Ave, luz dos Altares!

Glória, ó Virgem do Rosário!

Mistério da Dor

ORAÇÃO

Pai-Nosso, no silêncio da Cruz,
Santificado seja o Teu nome!

ANTÍFONA

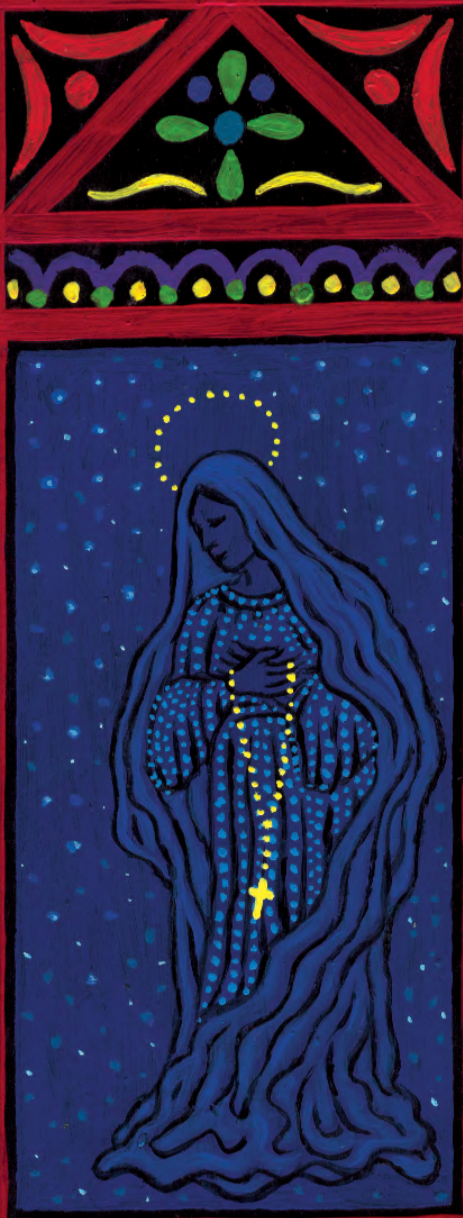
Ave, ó Mãe lacrimosa!
Mãe do amado discípulo
E mãe de Madalena:
Professam a nova criação,
No influxo do Espírito da Cruz.

Os AMIGOS

No mar dos sofrimentos da vida,
Desejamos as campinas verdejantes.
Senhor, onde encontraremos um porto seguro,
Um altar para o sacrifício?

O DEVOTO

Na Arca, com ave e oliveira surgindo no céu do mar.
No Sangue da Nova Aliança.
Na terra onde adormecem os cravos da Cruz.



INTRODUÇÃO

No jardim, uma legião de anjos,
Com folhas de oliveira, sobe às alturas,
Acenando e celebrando a descoberta
da nova terra, ao pé da cruz,
ouvindo o canto de seus filhos:

Ave, Mãe!

CORO I

Ave, flor púrpura!
Ave, sentinela das vigílias!
Ave, bálsamo das feridas!
Ave, conforto dos mártires!
Ave, lágrima da Cruz!

CORO II

Ave, perfume do jardim!
Ave, terra do Sangue!
Ave, pétala das coroas!
Ave, geradora dos filhos!
Ave, flor dos humildes!

Glória, ó Virgem do Rosário!

Mistério da Glória

ORAÇÃO

Pai-Nosso, na terra do Ressuscitado,
Santificado seja o Teu nome!

ANTÍFONA

Ave, ó Rainha do Universo!
Glória aos anjos mensageiros!
Glória às mulheres e aos discípulos!
Nasce a Igreja em Pentecostes,
Com ventos de fogo!

OS AMIGOS

A Glória do Senhor percorre toda a terra,
Como astro luminoso alegre a humanidade.
Senhor bondoso, imenso! Onde celebraremos
A festa de Jesus Ressuscitado?

O DEVOTO

No Vale do Espírito, sobre ossos ressurgidos.
Com as mulheres ao raiar do primeiro dia.
No lago de Tiberíades, ao cantar da Fênix celeste.



INTRODUÇÃO

No banquete celeste o Altíssimo anuncia a
entrada do fiel Cavaleiro, o Rei da Glória.
Povo escolhido, batei palmas!
Lá está a Rainha com braços erguidos
conclamando-nos a exaltar:

Ave, Cristo!

CORO I

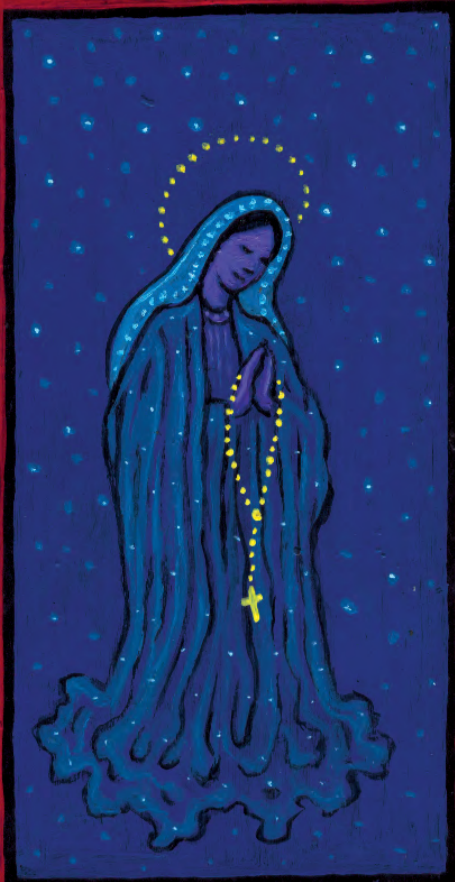
Ave, vitória da Terra!
Ave, novo Jardim!
Ave, chama do coração!
Ave, princípio da Igreja!
Ave, luz dos vitrais!

CORO II

Ave, água da Vida!
Ave, vento dos barcos!
Ave, liturgia do Espírito!
Ave, mensagem dos Céus!
Ave, via dos andores!

Glória, ó Virgem do Rosário!





Súplica

Ó, Boa Mãe,
Protegei-nos do mal
Acompanhai-nos até os jardins do Céu
Com todos quantos em uníssona voz
Celebram esta homenagem.
Amém! Aleluia!



FINAL

MARIOLOGIA



*Bela Senhora, por que eu e Jacinta te vemos e sentimos falar e,
no entanto, Francisco não te vê e não te sente falar?
Porque Francisco não me rezou bastante o Rosário, respondeu a Mãe.*

Sexta Aparição - 13 de outubro de 1917.

Fátima - Portugal.



1. INTRODUÇÃO

Em cada parte de *Rosário: Orações de Outubro* florescem peregrinos à procura da face de Maria, igual árvore que se eleva em busca do sol, expandindo seu encanto, como o canto de cigarras em jardins de verão; a devoção, em sua melhor expressão, as mãos suplicantes do devoto junto ao *coração*, aos *braços*, à *face*, ao *olhar* da Virgem, essa chama que fulge das janelas do Paraíso incendiando o bosque onde caminhamos, fundindo as gentes em vitrais de rosas, em cuja fonte reluz Cristo; poesia e mística cristã¹; o espírito mariano, edificado desde os primórdios da era cristã, celebrando a vida da Igreja², e as multiformes faces que a mesma encarna, quando se rezam os mistérios do Rosário.

Fiel é o Devoto.

Devoto-ar!

Devoto-pássaro!

Mágico áugure!

Glorioso!

Ele enceta seu percurso³, igual ave atraída pelo chamado, como agulha de bússola em direção ao norte, pelo *caminho ventoso*, de onde Maria o vê, por fronteiras estreitas, noites áridas, repletas de clarões, unindo mapas e signos, santuários e pássaros, o bosque e o mar, o canto e as nuvens, as cruzes e os sinos, a dor com o coração dos anjos, vidros e sol, sonhando, com a luminosidade da meiga neblina prateada de pétalas brancas, despertando-o na madrugada, para adorar nas mãos, o singelo terço, semeando contas aos céus em forma de aves de fogo, até transforma-se numa delas, esperando viver como pássaros em Ventos superiores, no “Jardim das Rosas”⁴.

Celebra a Maria quem a procura, quem vive a liturgia da Igreja em outubro, jardim frondoso de sua imagem onde exala a mística essência de suas rosas:

- ❖ O Dogma⁵
- ❖ A Memória de Outubro⁶
- ❖ O Ofício das Horas⁷
- ❖ Os Hinos⁸
- ❖ O Rosário⁹
- ❖ A sua Beleza¹⁰

2. RESUMO COMENTADO: O DEVOTO

A Cúpula (I). Manhã ensolarada em Roma. O Devoto se encontra celebrando o dia do Rosário na *Basilica di Santa Maria Maggiore*¹¹. Ao som da imponente orquestra o coral canta *Ave-Maria* de insignes mestres da música. Uma jovem com toques de flauta faz ecoar aplausos. O som ressoa na cúpula colorida. O sol flameja nos vitrais de Maria. Na nave central da Basílica, o Devoto volta os braços para o céu e transcende. Anjos¹² voam e cantam.

A intuição da noite (II). O Devoto está feliz na escadaria da Basílica. A missa termina, e os coros cessam. A flautista que o conhece dos concertos chega e conta que seu amigo Raimundo enforcou-se¹³ no bosque de jabuticabas¹⁴ na cidade de Passo Fundo, no sul do Brasil. Triste, o Devoto pensa sobre a vida, a perda do amigo Raimundo, a veracidade das recitas das Ave-Marias, que o fazem devoto.

O Jardim (III). É noite. O Devoto vagueia ao redor do chafariz do jardim de sua casa ouvindo súplicas das sombras das árvores. É Raimundo pedindo por sua alma. Vendo que as orações ainda não chegaram ao seu destino, o Devoto dirige-se aos seus aposentos. Com sua cruz e terço luminoso, reza com Ave-Marias. Maria intercede¹⁵. O Devoto contempla seu pequeno altar. Vê em silêncio a mão esquerda de Jesus na cruz, sem o cravo. O cravo havia desaparecido. Os anjos do jardim cantam a paixão do Devoto pela Cruz, com imagens de flores de cravinas¹⁶ e chamas de velas que se perdem em faíscas pela janela.

A Prece (IV). O Devoto na janela da imensa noite de seu leito reza uma oração a Maria.

A Noite (V). O Devoto adormece. Sobre seu leito surgem incontáveis imagens, e nelas reluz preciosa oração ao rosário, uma flor branca reluzindo nas sombras, trazendo paz aos seus sonhos. Porém, sempre que se punha a escrever a oração, acordava sem nada lembrar. Os anjos da noite silenciosa conversam sobre o enigma dos sonhos do Devoto, até o amanhecer.

Sinais (VI). O Devoto quer compreender o que lhe acontece, os sinais do céu, o som dos sinos, os pássaros que pousam em sua janela. Portanto, parte para Assis.

O vale de Assis (VII). Anjos cantam na cidade de Francisco, o seráfico príncipe. Enquanto isso, o Devoto vê uma criança que brinca com os pássaros. Ao anoitecer, retorna a Roma, sob o olhar de Maria, que o segue nos ventos.

Maravilhoso Rosário (VIII). Na tarde do dia seguinte, o Devoto reza no seu bosque de pinos. Na récita, de suas mãos acontece um milagre, luzes desprendem-se das contas do rosário. Ajoelhado entre os pinos, ele louva o Altíssimo, pelas Ave-Marias que sobem luminosas aos ares transformando-se na constelação do manto da Virgem. A sagrada imagem estelar é criada pelas mãos do Altíssimo (*agulhas do Universo*) e pelas mãos de seu Devoto¹⁷. Os Anjos festejam. Deles se erguem três cantos, ao maravilhoso rosário e seu Devoto.

A Carta (IX). Debruçado na janela de seus aposentos o Devoto sente a brisa da última tarde de outubro. Lê a carta enviada por sua mãe, *Carmem*, contando-lhe sobre as orações feitas na capelinha da gruta de sua varanda, aos pés da pequena estátua da Imaculada Conceição, por ocasião das celebrações do mês do rosário. *Carmem* reside perto da antiga redução jesuítica de São Miguel Arcanjo¹⁸. Está satisfeita, pois o antigo *sino de São Miguel Arcanjo*¹⁹ dessa redução, há tempo preso ao chão, voltou a soar pelas campinas, na *cruz de Caravaca*²⁰ plantada no pátio dessa *redução*, protegido por dois *querubins de arenito*²¹ que continuamente recebem suas flores.

A pétala branca (X). O Devoto acorda e escreve, no meigo luar da madrugada²². Sobre o umbral da janela vê-se reluzir o cravo do crucifixo perdido da mão de Jesus sustentados por dois anjos, os guardiões da *cruz de Caravaca*. Um sinal? Signo da graça. Num instante, compila-se *Rosário: Orações de Outubro*, para homenagear o Rosário da Virgem.

Pássaros do Sol (XI). Tarde de domingo. O Devoto toma sua taça de café à beiramar do Tirreno em Lido Ostia, balneário de Roma. Chega um velho Amigo que lhe confessa ter perdido a devoção, o caminho da fé²³. Tem início um prolongado

diálogo. Por todos os argumentos, o Devoto busca dissuadi-lo a afastar-se do caminho sem Deus, para seguir outro, e encontrá-lo através dos mistérios do rosário. O fiel mariano ensina que as récitas de Ave-Marias são como pássaros, não voam sem destino, voam longe, “assim é o amor de Maria!”, exclama o Devoto. Sobre as águas do mar, seu anjo conduz uma pomba sobre as mãos.

Sementes do Mar (XII). O ocaso. O vento marítimo sopra nas águas calmas do mar Tirreno. O Devoto e o Amigo se encontram. As Ave-Marias, diz o Devoto, ecoam nos céus, os céus da voz de Deus. O Amigo se despede e desaparece no horizonte das areias do mar, lendo: *Rosário*... Na outra margem, o Devoto desenha corações na areia. Com o terço guardado, reflete a parábola do semeador (Lc, 8, 5), contemplando conchas que lança ao mar.

Prelúdio (XIII). Dias áridos, súplicas e pássaros de luz encenam o itinerário do Devoto. Maria é celebrada no andor dourado da Irmandade do Rosário, iluminando o caminho para os fiéis chegarem ao templo. Coroada, diante do altar iniciam-se as homenagens. Coros cantam as orações do Devoto. Tudo para o louvor ao Rosário da Virgem.

3. A PÉTALA BRANCA

Contemplação dos Mistérios do Rosário

ABERTURA²⁴

- *Antífona*²⁵. O Hino, em sua primeira antífona, aclama e louva o Rosário: a. Como “argola excelsa e preciosa” da “corrente” que “liberta”, da “aliança” que tudo une²⁶; b. “Riqueza audível da crença” e “instrumento da orquestra da trindade”, “mãos que os sinais descobrem”.²⁷
- *Os Coros*. Os coros meditam as três virtudes teológicas²⁸, ligando-as ao itinerário do Devoto:

*Ave, Maria*²⁹, *Récita da fé* que ilumina todo ser, na verdadeira Luz. Em Maria, fé e luz anelam-se. A fé meditada pela “Ave-Maria” faz o crente encher-se de luz, ligar-se à luz verdadeira. Maria conduz àquele que diz: “eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”.³⁰

Ave, Maria, Erário de esperança. Maria é esperança, perfume das manhãs de outubro, dos fiéis que suplicam seu belo olhar.³¹

Ave, Maria, Pássaro da caridade. Maria leva à caridade, pela oração dos mistérios do Rosário. As mãos que recitam alcançam caridade e Céu.³²

- *Glória.* Glória, ó Virgem do Rosário!³³

Mistério da Alegria

PRIMEIRA PARTE³⁴

- *Oração.* “Pai-Nosso, santificado seja vosso nome na *Noite de Belém*” (Lc 2, 1-20).
- *Antífona.* *Ave, Virgem das virgens escolhida.* Na noite da Encarnação, a felicidade da Virgem alegra todos. A Virgem é a noite do Universo, alegria da Trindade encarnada no Filho.
- *Os amigos e o Devoto: Os Amigos.* Os Amigos sabem que Deus ama antes do ventre materno, pois assim se lê o profeta Jeremias (Jr 1, 5). Perguntam os Amigos, por que, desde o Éden, escondem-se as gentes do seu Criador? (Gn 3, 8). Mas se Ele os procura, por quais sentimentos? Onde está a Sua Voz? Perguntam os Amigos; *Devoto.* Responde o Devoto, que o coração do Senhor está no *silêncio da Arca*³⁵, observado a estéril Ana que oferta o filho Samuel no altar de Eli (I Samuel 1, 24-28); Nas *montanhas de Ain Karim*, onde Isabel celebra a circuncisão de João Batista com canto de Zacarias (Lc 1, 59-67); como um pai que encontra uma noite no Universo, para com seu Filho nos unir “deitado numa manjedoura” (Lc 2, 16), sobre o manto da Virgem Mãe.

SEGUNDA PARTE³⁶

- *Introdução.* A alegria de Maria alcança as mãos do Altíssimo, como a alegria da bela Sulamita dos Cânticos, dançando entre dois coros (Ct 7,1), louvando a Sua bondade. Por isso, entre dois coros a Virgem é enaltecida, como oferta de louvor ao Altíssimo.
- *Coros.* Maria é exaltada e aclamada, Virgem e Bela da noite. O seu humilde coração é a beleza da noite, escolhida entre todas as noites. Na

beleza infinita dessa noite saúdam os que a contemplam, cantando:

Ave, Virgem!

Coro (I) – *Ave* [Refrão]

Beleza da noite! Luz de Ain Karim!

Alegria dos anjos! Oásis de Belém! Alfa do Encarnado!

Coro (II) – *Ave* [Refrão]

Lua do Espírito! Ícone da Graça!

Rosa dos sonhos! Noite do Jardim! Sabedoria do templo!

- *Glória – Glória, ó Virgem do Rosário!*

Mistério da Luz

PRIMEIRA PARTE

- *Oração*. “Pai-Nosso, santificado seja vosso nome, *nas bodas de Caná*” (Jo 2, 1-12).
- *Antífona*. *Ave, ó Maria iluminada!* Ave-Marias nas estações do Rosário meditadas, transfigura-nos em festa de luz.
- *Os amigos e o Devoto: Amigos*. Os amigos acreditam que a vida reflete a luz de Deus³⁷, a sua graça, as suas sementes semeadas³⁸, porém muitos não as encontraram. Com o Devoto, os amigos buscam saber onde estão os frutos da seara de Deus; *o Devoto*. O Devoto aponta para os frutos do jardim: a *sarça* reluzente do Sinai (Gn 3, 2); a *carruagem* e os *caballos de fogo* no Jordão (2 Reis 2,11); a *brisa poderosa* do anjo (Dn 3, 49-50) – são luzes esplêndidas que salvam em festas de sementes de fogo.

SEGUNDA PARTE

- *Introdução*. Uma das sementes luminosas do Altíssimo, os lhos flamejantes da Virgem, essa sarça ardente que chega e incendeia o bosque, a vida. O fogo deixa as gentes com sede, em cinzas. Mas, a graça do Senhor (Orvalho) pausa e faz frutificar videiras cujos frutos nunca se acabam, e os cálices jamais secam sobre os altares, com todos quantos festejam *Jesus*.

- *Coros. Jesus é o esplendor da luz.* Jesus é exaltado e aclamado. Luz esplêndida é seu nome, a face de seus insígnies mistérios refletida quando todos aclamam:

Ave, Jesus!

Coro (I) – Ave [Refrão]

Mistério da Luz! Templo da Voz!

Mestre das festas! Aurora do Reino! Lei dos transfigurados!

Coro (II) – Ave [Refrão]

Clareira dos pássaros! Felicidade dos noivos!

Justiça da Montanha! Ponte Manancial dos Santos! Luz dos Altares!

- *Glória – Glória, ó Virgem do Rosário!*

Mistério da Dor

PRIMEIRA PARTE

- *Oração.* “Pai-Nosso, santificado seja vosso nome, ao pé da Cruz” (Jo 19, 25-27).
- *Antífona.* Ave, ó Mãe lacrimosa! Tuas doces lágrimas, ó Mãe! Mãe nossa, do Espírito da Cruz. Nas doces lágrimas a profecia da nova criação.
- *Os amigos e o Devoto: Amigos.* Os amigos sabem que os sofrimentos da vida encontram alívio nas “águas tranquilas” do bom Pastor (Sl 23, 2). Mas, os sofrimentos não cessam, intermináveis desertos suspiram por verdes pastos e altares para o sacrifício; *o Devoto.* O Devoto vê na dor e no altar a fonte do caminho, o lugar de Deus: na arca do Dilúvio, a esperança chega por um pássaro e seu ramo de oliveiras (Gn 8,11); no Sangue da Nova Aliança (Mt 26.26-28); no solo poderoso da Cruz, os cravos ao chão não se erguem mais.

SEGUNDA PARTE

- *Introdução.* No Jardim das Oliveiras, os anjos são comparados aos pássaros da arca de Noé, que com ramos de oliveira comprovaram

a descoberta de terra – agora, os anjos anunciam onde se encontra o único tesouro escondido, a nova terra, ao pé da Cruz, o coração de Maria.

- *Coros.* A Virgem é a beleza da Cruz, de todos quantos a aclamam:

Ave, Mãe!

Coro (I) – Ave [Refrão]

Flor Púrpura! Sentinela das vigílias!

Bálsamo das feridas! Conforto dos Mártires! Lágrima da Cruz!

Coro (II) – Ave [Refrão]

Perfume do jardim! Terra do sangue!

Pétala das coroas! Geradora dos filhos! Braços que erguem os fracos!

- *Glória – Glória, ó Virgem do Rosário!*

Mistério da Glória

PRIMEIRA PARTE

- *Oração.* “Pai-Nosso, santificado seja vosso nome, no fogo de *Pentecostes*” (Atos 2, 1-4).
- *Antífona.* Ave, ó Rainha do Universo! Contigo, Rainha, a glória dos anjos e discípulos, a rosa, o silêncio de pentecostes.
- *Os amigos e o Devoto: Amigos.* Os amigos, ao contemplar a beleza da terra, veem a Glória de Deus a percorrê-la como a luz do sol (Sl 19, 5-7). Mas, em toda a terra, onde estaria o lugar para celebrar a festa do ressuscitado, do “... astro que surge de Judá” (Nm 24,17); *o Devoto.* O Devoto repleto de luz celebra com o Amigo. Mostra-lhe os lugares em que se pode celebrar a festa com o ressuscitado: no *Espírito dos quatro ventos*, no vale de Ezequiel, cujo sopro faz os ossos se reerguerem (Ez 37, 9-10); com Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, que ouvem a mensagem dos dois anjos, anunciando que Jesus ressuscitou (Mt 28,1-8); às *margens do lago de Tiberíades* (Jo, 21) onde voa a Fênix³⁹, conduzindo seus discípulos.

SEGUNDA PARTE

- *Introdução.* O Altíssimo anuncia a coroação do Filho, *fiel cavaleiro*, seu esplendor é a glória dos homens, a festa apocalíptica dos céus. Cristo, Rei da Glória, une céus e terra em seu esplendor, ao lado da Mãe e Rainha.
- *Coros.* Cristo é exaltado, aclamado, glorioso em seu esplendor, com vozes que cantam:

Ave, Cristo!

Coro (I) – Ave [Refrão]

Vitória da Terra! Novo jardim!

Chama do Coração! Princípio da Igreja! Luz dos vitrais!

Coro (II) – Ave [Refrão]

Água da Vida! Vento dos barcos!

Liturgia do Espírito! Mensagem dos Céus! Via dos andores!

- *Glória – Glória, ó Virgem do Rosário!*
- *A Súplica.* A súplica final recorda a fonte do caminho espiritual, da maturidade humana que tudo alcança. Ao término de *Rosário: Orações de Outubro*, queremos voltar à porta que conduz os viandantes à alegria de existir, a ponte entre a terra e a luz, suplicar a Maria⁴⁰, para alcançar o Céu.⁴¹

Referências

A decorative white flourish consisting of a curved line with a small, stylized floral or leaf-like motif at its end, positioned below the word 'Referências'.

DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revisada. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Igreja Católica (1978-2005: João Paulo II). 11. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 1998.
- CONCÍLIO VATICANO II, Const. Dogma. *Lumen gentium*, in AAS 57 (1965) pp. 5-71. (trad., para português, São Paulo: Paulinas, 1966).
- JOÃO PAULO II. *Epístola Apostólica. Rosarium Virginis Mariae, Episcopis Clero Fidelibus De Mariali Rosario Data*, 2002: AAS 95 (2003) pp. 5-36 (trad., para português, *Carta Apostólica ao Episcopado, ao Clero e aos fiéis Sobre o Rosário*, São Paulo: Paulinas, 2002).
- PAULO VI, *Adhortatio Apostolica Marialis Cultus*, in AAS 66 (1976), pp. 5-76, (trad., para português, *Exortação Apostólica sobre o Culto à Bem-Aventurada Virgem Maria*, 3ª Edição, São Paulo: Paulinas, 1974).

BIBLIOGRAFIA GERAL

- AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, Santo, 1696-1787. *Glórias de Maria*. Versão da 11ª edição italiana pelo P. Geraldo Pires de Sousa, 3. ed. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1989.
- ALBERTON, P. Valério S.J. *Os Papas e o Rosário*. Edições Loyola: 1980.
- ALIGHIERI, Dante, 1265-1321. *A Divina Comédia*. Tradução de Fábio M. Alberti. Porto Alegre: L&PM, 2006, Cantos XXXII e XXXIII.
- BERNARD, André Charles. *Teologia Spirituale*. Roma: Edizione Paoline, 1983.
- CAMILOTTTO, João Batista, *fms. Hino Acatisto em honra da Virgem Maria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CAPELLE, Dom, O.S.B. La Liturgie Mariale en Occident. In: DU MANOIR, D'Humbert (Org.). *MARIA: Études sur la Sainte Vierge*. Tome Premier, Paris : Beauchesne, 1949-1958.
- CASTELLI, Ferdinando. *Presentazione*. In: PLOUVIER, Paule (dir). *POESIA E MISTICA*. Traduzione de M. R. Del Gênio. Presentazione di Ferdinando Castelli. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002.

- DANEMARIE, Jeanne. *Histoire du culte de la Sainte Vierge et de ses apparitions*. Paris: Fayard, c1958.
- DE FIORES, Stefano. *Maria presente viva nel popolo di Dio*. Roma: Edizioni Monfortane, 1980.
- DEL RIO, Domínguez. *Rosas del Rosario o la Devoción al Smo. Rosário*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1945.
- DELCLOS, Antonio Orozco. *Olhar para Maria*. Tradução de Gabriel Périssé. São Paulo: Quadrante, 1992.
- DONADEO, Maria (*du monastère russe de Rome*). *Ícônes de la Mère de Dieu*. Paris: Médiaspaul & Editions Paulines, 1984.
- DOUMITH, Michel. *Marie dans la liturgie syro-maronite*. In: DU MANOIR, D'Humbert (Org), op. cit.
- EVDOKIMOV, Pàvel Nikolàjevič. *Teologia Della Bellezza. L'arte dell'icona*. Milano: Edizione Paoline, 1990.
- GILBRAN, Gibran Kahlil. *As últimas horas de Kahlil Gibran*. São Paulo: Nova Época Editorial, 1973.
- GRÜN, Anselm. *La pace Del cuore*. Seconda edizione. Editrice Queriniana, Brescia (Itália), 2002.
- GUARDINI, Romano, *Le Rosaire de Notre Dame*. Paris: Bloud & Gay, 1950.
- HEINZ-MOHR, Gerard. *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. Tradução: João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.
- HÜTTNER, Ir. Édison. *São Marcelino Champagnat: dos braços ao coração de Maria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- HÜTTNER, Ir. Édison e MONGELOS Rogério. *Angeli Missionum: relatórios 2006-2007*. Porto Alegre: PUCRS. NEPCI, 2007.
- LAFRANCE, Jean. *O terço do Rosário: Uma via para a oração contínua*. Edições Paulistas: Lisboa. 1989.
- LONGO, Bartolo. *O Rosário de Nossa Senhora: meditações para cada mistério; tradução de Henrique Elfes; introdução, seleção de textos para os "mistérios luminosos", notas e apêndice de Luiz Fernando Cintra*. São Paulo: Quadrante, 2003.
- LOUIS-MARIE GRIGNION DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion a la Sainte Vierge*. Édition du Centenaire (1842-1942) Calvaire-Montfort: Libr. Mariale, 1943.

- MARCELINO CHAMPAGNAT. SERMÕES. Sermão sobre o Rosário. In: *Cadernos Maristas*. Informações, estudos e documentos. Roma: Fratelli Maristi. n. 2, junho de 1991.
- _____. SERMÕES. Sermão sobre a Purificação de Maria. In: *Cadernos Maristas*, n. 7, junho de 1995.
- MELANÇON, Oliva. *Vida religiosa e diversidade das almas*. São Paulo: Paulinas, 1970.
- MUÑANA, Ramón J. de. *Lecciones Marianas*. Tomo I. *Vida y Misterios de María*. Editorial: El Mensajero del Corazón de Jesús. Bilbao, 1950.
- _____. *Lecciones Marianas*. Tomo II. *Devociones Marianas*. Editorial: El Mensajero del Corazón de Jesús. Bilbao, 1951.
- NOLLET, Geneviève. *Le culte de Marie en Éthiope*. In: DU MANOIR, D'Humbert (Org.), op. cit.
- PADRE ANTONIO VIEIRA. SERMÃO III - Maria Rosa Mística. In: *Sermões Escolhidos* - vol. II, Edição de base: Edameris: São Paulo, 1965.
- PESCE, P. Giacomo. *Mariale*. Schemi di Conferenze Marietti Editori Ltd, 1959.
- PLESSIS, Armand. *Manuel de Mariologie Dogmatique*. Allons à Jésus Par Marie. 1^a édition. Montfort-sur-Mer – Séminaire des Missions: 1947.
- PRINCIPE, Pietro. *Il Rosario secondo Giovanni Paolo II*. Con I 20 Misteri. Roma: Lebreria Editrice Vaticana, 2002.
- RAMBAUD, R. Père. *Douce Vierge Marie*. Lyon: E. Vitte, 1939.
- ROEST CROLLIUS, Ary. Palestra proferida em 31.10.2000 (curso de *Spiritualità Apostolica*, II, Universidade Gregoriana, Itália).
- ROMAN, Ernesto N. *As aparições de Nossa Senhora: Suas mensagens e milagres*. São Paulo: Paulus, 2001.
- SALAVILLE, S. A. A. *Marie dans la liturgie byzantine ou gréco-salve*. In: DU MANOIR, D' Humbert (Org.).
- SAN BERNARD. *Obras completas de San Bernardo* I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955.
- SÃO CIPRIANO, Bispo de Cartago. *O Pai-Nosso*. São Paulo: Quadrante, 1990.
- SCHEEBEN, Matthias Joseph. *As maravilhas da graça divina*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1956.
- WOBETO, Ir. Afonso. *Santuários: onde Deus se encontra com os homens*. São Paulo: Loyola, 1982.

Notas

A decorative white flourish consisting of a long, sweeping curve that ends in a small, stylized floral or leaf-like motif.

¹ Ferdinando Castelli diz: “Antes de tudo é a mística cristã: experiência passiva de Deus, produzida de uma moção do Espírito Santo, portanto sobrenatural e gratuita, que coloca a alma no ‘Mistério’ revelado por Cristo... A poesia é ‘instituição cósmica’, ‘fulguração sobre o *noumeno* da coisa’, ‘amor e adoração do fascínio do mundo’, ‘grito, urro da coisa’ e tentativa de descobrir o segredo (são descrições, mais que definições, dadas de D.M. Turolde). Entre outros termos, o poeta é mensageiro da divindade, vidente de realidade invisível, testemunha do mistério que envolve; descobre símbolos e figuras que lhe fazem ver a criação por uma luz diversa; persegue as miragens que são eternas e infinitas e, não podendo apanhá-las, sofre e, a qualquer momento, se abandona em gestos inimagináveis”. Em Castelli a relação entre poesia e mística é evidente, comentando Jean Baruzi, que ao ler São João da Cruz concluiu: “A poesia é um modo de retorno da contemplação mística” (CASTELLI, Ferdinando, p. 5-6).

² Cada cristão, escreve André Bernard, encontra na Mãe “o modelo da vida espiritual e a figura da própria situação da igreja” (BERNARD, André Charles, p. 340).

³ O Devoto vive na intimidade do mistério: da noite escura, mas quente; da visão de imagens e sinais dispersos, mosaico recriado de sua unidade interior; condição do *homo siganus*, do *homo viator*, concebendo a vida como “Odisseia”, como “Divina Comédia”, ao passar por lugares tenebrosos, superando dificuldades, descansando em oásis; familiarizando-se com a vida de Jesus e Maria, com os dons do Espírito Santo; iniciando-se para um novo estado de consciência, de quem espera libertar-se de sua dor, de quem busca libertar os que vivem cercados pelo medo, atuando como sábio ourives, pelo curso dos veios... movido a partir de onde habita Deus. Anselm Grün escreve: “Não somos capazes de sobreviver por nossa própria sombra. Nós temos a necessidade da árvore... necessitamos de Deus... Nós podemos repousar na sombra de sua árvore e encontrar aquela paz autêntica e profunda que todos ardentemente desejam” (GRÜN, Anselm, p. 172). “A vida espiritual é um jogo com Deus, um desafio, da tentação de construir uma casa sobre a areia” (ROEST CROLLIUS, Ary. Palestra na Universidade Gregoriana). A jornada do Devoto revela raras paisagens. A vida é um belo quadro, em que trabalham as mãos das trevas e as mãos de luz. “Deus, que é amor, te criou não uma estátua Sua; e, sim, uma imagem: alguém que tem de se ir assemelhando a Ele”, diz o místico libanês Kahlil Gibran (GILBRAN, Gibran Kahlil, p. 108).

⁴ Os ventos escrevem o nome de Maria, isso sabe o Devoto, pelo *caminho ventoso* (dias áridos) onde a encontra com récitas de Ave-Marias transformadas em pássaros de fogo. Vento e fogo. Vento místico. Fogo místico – manifestam o segredo,

o equilíbrio desta relação, contemplar de frente a luz, incendiar-se, recriar-se em chamas! Fortes desejos tomam conta do Devoto:

a) viver como ave ao raiar da aurora, junto ao sol de Deus (Sl 84,11), essa esplêndida luz que ilumina os vitrais de sua Mãe. Seu desejo é viver como ave com sua Rainha nos *Ventos superiores* (Céu eterno). Sol místico. Sol de fogo. Sol de amor. O sol reflete nos vitrais a face de sua Mãe e Rainha, no “Jardim das Rosas”, em ventos de festa sem fim. Esse “Jardim das Rosas”, cantado pelos anjos na parte VIII - Maravilho Rosário, simboliza o lugar de Maria neste Céu eterno, onde as Ave-marias pousam em forma de pássaros iluminados, para depois seguirem o seu destino e missão, sob o olhar da Mãe;

b) semear flores na terra, regadas com oração, espelho que reflete a imagem das luzes do “Jardim das Rosas”: em seu sonho, uma “flor branca”, significando a inesgotável beleza das palavras que a presença da Mãe traz, mesmo durante o profundo sono (V - Noite). O título “A Pétala Branca”, o Hino, espelha traços desse sonho, simbolizado pela meiga pétala dessa branca flor; sobre as noites áridas, de uma “rosa branca”, ou seja, o coração de Maria (IV - A Prece); aos pés da Rainha, uma “rosa vermelha” sobre um “vaso colorido” (XIII - Prelúdio). Esse humilde botão de rosa vermelha, entre tantas outras flores, manifesta o mais profundo agradecimento de um Devoto, o silêncio, uma oferta pela missão concluída, um voto de confiança, a única esperança, caminhar com a Rainha, sua “rosa mística”, pois todas as flores lhe pertencem, mesmo as douradas “planícies de girassóis” (I - A Cúpula), ofertadas, enfeitam o seu “vaso colorido”. Em 1947, Maria, sob o título de “rosa mística”, apareceu a Pierina Gilli em *Montichiari e Fotanelle* na Itália. No dia 13 de julho de 1947, Maria novamente apareceu para essa devota com três rosas no peito, explicando o significado das mesmas: “a rosa branca (...) as almas que rezam para que nenhuma vocação se perca; a rosa vermelha (...) as almas que expiam os pecados cometidos pelas almas consagradas; a dourada (...) as almas que sacrificam sua vida em expiação pelos sacerdotes que traem Jesus como Judas” (ROMAN, Ernesto N., p. 86-87). Diz Afonso Perujo: “É Maria uma verdadeira *rosa mística* e a mais simpática flor de todas as flores. Seu nome é um ramalhete aromático, dote de amores que asseguram a felicidade” (MUÑANA, Ramón J. de, Tomo II, n. 447).

⁵ Em 1931, Pio XI, por ocasião da comemoração do XV Centenário do Concílio de Éfeso (431), consagrou na liturgia romana o dia 11 de outubro para celebrar a proclamação do dogma da maternidade de Maria. Conforme Capelle, “*Theotokos* foi a pedra angular de uma liturgia própria sobre Maria (...) símbolo e prelúdio de expansão marial universal” (CAPELLE, Dom. Tome Premier, p. 219). Na reforma litúrgica de Paulo VI, essa data foi transferida “... para implorar de Deus,

tendo como medianeira a Rainha da Paz, o dom supremo da paz. Por isso, na feliz coincidência da Oitava do Natal do Senhor, com a data auspiciosa de 1º de janeiro, instituímos o Dia Mundial da Paz...” (MC 5).

⁶ Na liturgia romana, no dia 7 de outubro se faz memória de Nossa Senhora do Rosário. Essa data recorda a vitória dos cristãos sobre os turcos (7 de outubro de 1571). Conta a história que “Todos os soldados, em 7 de outubro, dia da batalha, se confessaram... e recitaram o Rosário para obter a vitória”. Para recordar esse dia o Papa Pio V instituiu a festa da Mãe do Rosário. A festa se tornou universal em 1716 com o Papa Clemente XI (PESCE, P, op. cit., pp. 334-335). Em outras liturgias o mês de outubro é um tempo privilegiado: a) na “liturgia bizantina”, observam-se duas comemorações, no dia 1º de outubro a *Patronage de la Vierge* e no domingo entre os dias 11 e 17 de outubro celebra-se “...o segundo Concílio Ecumênico de Nicéia (787), que é em realidade uma festa dos sete primeiros concílios ecumênicos... onde a intercessão de Maria é afirmada em relação à missão doutrinal da Igreja e a preservação da fé” (SALAVILLE, p. 252); b) na “liturgia syro-marônica”, a festa de Nossa Senhora do Rosário, no primeiro domingo de outubro (DOUMITH, Michel, p. 332); c) no “culto etíope” no dia 18 de outubro, bem como no dia 21 de cada mês (o *Tegemt*), o *Jardin de myrrhe et de cannele* (comemoração mensal de Maria). Nesse dia também é feito memória de um milagre operado por Maria livrando o apóstolo Matias da prisão, conforme relata um apócrifo etiopiano traduzido do árabe: “*Prière de la Vierge à Bartos*” (NOLLET, Geneviève, p. 382).

⁷ No Ofício das Horas figuram: a) *Magnificat* (Lc 1, 46-55) e o *Benedictus* (Lc 1, 68-79); b) Ofício *Comum de Nossa Senhora* (*Officium parvum B.M.V.* – Pequeno Ofício de Nossa Senhora). Provavelmente sua origem se deve a São Zacarias no ano de 752; c) as antífonas finais: *Alma Redemptoris Mater* (composta pelo poeta francês Hernam Contract – 1054), *Ave Regina Coelorum* (encontrada no mesmo manuscrito), *Regina coeli* (do antifonário de São Pedro de Roma, século XII. Foi colocado às Vésperas no dia de Páscoa), *Salve Regina* (Hernam Contract a compôs, em honra a Adhémar de Puy († 1098); *Sub tuum praesidium* (encontrado num papiro grego no século III) (CAPELLE, Dom, pp. 234 -239).

⁸ Vários são os hinos cantados a Maria. Os primeiros hinos cantados na Igreja do ocidente são: a) *Quem terra pontus aethera e O gloriosa femina*. Atribuída a Venance Fortunar – VI Séc.; b) *Ave maris stella*. Compilada, porém não posterior ao século IX; c) *Stabat Mater dolorosa*. Seus autores são do século XIII ou XIV. Se podem pronunciar dois nomes: São Boa Ventura e Jacopne da Todi (CAPELLE, Dom, p. 240-242). Na liturgia bizantina existe um canto raro escrito em 532 por Romano, o Melode, trata-se do *Acatristo*, composto para a festa da Anunciação

(SALAVILLE, S. A. A. p. 259). Entre os hinos mariais etiopenos destaca-se o célebre *Mâhlêta Tsegê* (Cântico das Flores), cantado no tempo das flores (*Zamana Tsegêyâ*) de 26 de junho a 26 de setembro. Nesse canto, Maria é comparada com as flores (NOLLET, Geneviève, p. 401).

⁹ O Rosário “... germinou sobre o tronco secular da liturgia cristã; no fim da Idade Média em que o espírito litúrgico se encontrava em decadência e se começava a verificar um certo afastamento dos fiéis da liturgia” (MC 48). A prática da recitação dos salmos e o estímulo dos superiores religiosos à oração de Pai-Nossos, celebrados em coros utilizando-se de cordéis com grãos de sementes, foi a gênese do Rosário. Tais práticas com esses humildes cordéis foram denominadas *Paternoster* ou *numeralia*, *fila*, *computum*, *preculae*. Com o passar do tempo, a meditação da figura de Maria motivou a intromissão da saudação de Maria, nas palavras do anjo Gabriel: “Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo!” (Lc 1,28) e, junto a esta, as palavras de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). A segunda parte da Ave-Maria (Santa Maria, Mãe de Deus...) foi introduzida por ocasião da vitória sobre a heresia de Nestório, o qual pregava que Nossa Senhora é mãe de Jesus e não Mãe de Deus (429). Em 1214, Santo Domingos de Guzmán, em retiro em Tolosa, nos *montes de la Prulla* com jejuns e lágrimas invoca a proteção de Maria que lhe responde: “Filho meu, te digo, tenho ouvido tuas súplicas, tenho visto tuas fadigas e dificuldades, se quiseres que teus esforços não sejam estéreis... reza o rosário, estabelece esta devoção minha em todas as partes”. O documento papal mais antigo sobre o Rosário foi a Bula de Urbano IV: *Sol Ille*, publicado no dia 23 de dezembro de 1261 (ALBERTON, Valério, p. 23). O Rosário ao qual se refere o padre José Santamaría “...tem sido obra de séculos de formação e fusão dos distintos elementos de que consta o rosário, *rainha das devoções marianas*. O instrumento material serve desde o século XII para contar as Ave-Marias, cujo número nesse século se fixou em salmos bíblicos e, por isso, se chamou *saltério mariano*. Estava dividido em cinquenta, que por sua vez se dividiam em dezenas por meio de antífonas, que no século XIV foram substituídas pela oração do Pai-Nosso. Henrique de Egger, monge cartuxo falecido em 1408, redigiu um poema intitulado *Psalterium Beatae Mariae*. O poema motivou a récita do Pai-Nosso antes de cada dezena de Ave-Marias. A adição do *Glória ao Pai*, as lituânias e a Salve Rainha datam de tempo mais recente. O *saltério mariano* a partir do século XVI se chamou rosário”. Pio V em sua bula *Consueverunt* de 1569 diz sobre o rosário: “uma maneira fácil, ao alcance de todos e grandemente piedosa de orar e rogar a Deus, pela qual se venera a santíssima Virgem Maria... com certas meditações que abraçam a vida inteira de nosso Senhor Jesus Cristo”. O nome “Rosário” foi justificado por frei Vicente Ferres: “Muitas foram

as convenções e razões pelas quais o saltério da Virgem se chamou rosário. Primeiramente, porque a Virgem, que é a autora e protetora desta devoção se goza muito com o título e nome de rosal e rosa. Sou, disse a Virgem, como o plantado rosal de Jericó... Maria é rosa, disse melífluo Bernardo, que com sua formosura e suave amor nos regala e acaricia... Maria é rosa branca por sua virgindade e rubra por sua caridade” (DEL RIO, Dominguez, pp. 2-11). Os mistérios do Rosário foram anunciados a primeira vez pelo Papa Sisto V com a Bula *Dum Ineffabilia* em 30 de janeiro de 1586, o qual recomendava “aos leigos a reza do Ofício de Santa Maria Virgem e diz que a ‘cada dia descem bens ao povo cristão por meio do rosário – *Quotidie per rosarium christiano populo bona provenire*’” (ALBERTON, Valério, p. 23). No pontificado do Papa Leão XIII, chamado “O Papa do Rosário” (RVM 8), foram escritas importantes Cartas Encíclicas, dentre as quais se destacam: *Supremi Apostolatus Officio* (1º de setembro de 1883) e *Superiore Anno* (30 de agosto de 1884). Em 16 de outubro de 2002 na cidade do Vaticano, João Paulo II através da Carta *Rosarium Virginis Mariae* insere o “mistério da luz”, como ele mesmo considera: “...para reforçar o conteúdo cristológico do Rosário, seja oportuna uma inserção que (...) lhes permita abraçar também os mistérios da vida pública de Cristo entre o batismo e a Paixão... É nos anos da vida pública que o mistério de Cristo se mostra de forma especial como mistério da luz: Enquanto estou no mundo, sou a Luz do mundo” (Jo 9,5) (RVM 19). Na sexta aparição em Fátima na *Cova da Iria*, em 13 de outubro de 1917, disse Maria: “Eu sou a Mãe do Rosário” (PESCE, P. Giacomo, pp. 746-747).

¹⁰ Das mãos de Deus às mãos dos homens, a beleza da Virgem Maria foi contemplada e amada. Muñana fala longamente sobre a beleza de Maria e fundamenta-se de argumentos para descrevê-la: a) de Santo Tomás de Aquino, três coisas são essenciais para a “beleza objetiva: 1º - *integridade* ou perfeição do objeto; 2º - *devida proporção*, ou *ordem* entre as partes; 3º - *esplendor* ou *claridade*”; b) de V. P. Nieremberg: “É Maria, Mãe de Deus, a maior obra ... da mão de Deus entre todas as criaturas puras, em que mais empenhou seu grande poder e saber” (MUÑANA, Ramón J. de, Tomo I, nn. 253-254, p. 271-272). A bela figura da Virgem foi contemplada na história: a) no princípio da era cristã, a sua imagem foi gravada nas catacumbas romanas, depois, em imagem portátil “nas regiões syro-palestinaenses, berço do cristianismo, na Ásia Menor e em Bizâncio”. O ícone mariano, diz Donadeo, encarnado na Igreja ortodoxa, entre os cristãos do Oriente e os Católicos de rito bizantino, manifesta a história dos artistas que mais se aproximaram da face de Maria, pela técnica da pintura em ícone “(*eikôn*/imagem)... sacramental, ou seja, um signo portador de graça” (DONADEO, Maria, pp. 13-18). Fruto dessa tradição é o ícone Ortodoxo da Mãe de Deus, a *Virgem de Vladimir* ou Vladimir-

skaya. O ícone, diz Pàvel Nikolàjevič, é “Célebre por seu interventor miraculoso, afugentou muitos incêndios e a devastação tártara; depois de 1395 foi transferida para Moscou...”. Continua o teólogo: “A Virgem do tipo *Hodigitria* – aquela que mostra a via ... o seu Filho. A Virgem do tipo *Eleousa*... com a criança em seu seio, acentua a dimensão materna de Maria. O ícone de Vladimir combina esses dois tipos” (EVDOKÌMOV, Pàvel Nikolàjevič, p. 248); b) A beleza da Mãe do Rosário. A imagem de Maria e seu Rosário difundiu-se de modo singular a partir de 1600. Dentre os artistas destaco Michelangelo Merisi, dito de Caravaggio, que pintou em 1601 a *Madonna del Rosário*. Desse período, da escola de Luca Giordano, é a tela restaurada da “Virgem do Rosário, ladeada de São Domingos e Santa Catarina de Sena” iluminando a imponente construção do Santuário do Rosário de Pompeia, com honra de basílica pontifícia (consagrado a 7 de maio de 1891), graças ao insigne devoto Bartolo Longo, que recebeu a mensagem da Virgem para difundir a devoção ao Rosário (DEL RIO, Dominguez, pp. 8-10). Seguindo essa tradição da arte sacra mariana, a obra: *Rosário: Orações de Outubro* teve seu acabamento com desenhos e pinturas do artista plástico Hélio Coelho, confeccionadas em seu *atelier*, cidade de Vila Velha, Estado do Espírito Santo, onde reside. Bela é a arte desta outra mão, que traz à visão imagens originais da Virgem do Rosário, a paisagem da esperança do Devoto.

¹¹ Em língua portuguesa se traduz: *Basílica de Santa Maria Maior*, também denominada de *Basílica de Nossa Senhora das Neves*. A festa de 5 de agosto recorda o “Milagre da Neve” que aconteceu no ano de 358 – nevou no verão, na colina do Esquilino em Roma, como sinal e pedido de Maria para que lhe dedicasse um templo. A tradição diz que Maria apareceu ao Papa Libério em meio à neve pedindo essa edificação. A capela foi edificada em 432 e 440, no pontificado do Papa Sisto III, e dedicada ao culto de Maria, Mãe de Deus, por ocasião do dogma da Divina Maternidade. É tradição que no dia 5 de agosto a Basílica lembre e festeje esse milagre com incontáveis *pétalas de flores brancas*, jogadas para o céu, recriando o momento da mística neve (WOBETO, Ir. Afonso, pp. 17-19).

¹² Anjo (hebr. מַלְאָכִים - *mal’ak*: designa mensageiro divino ou humano. Essa palavra aparece no nome do profeta Malaquias, “meu mensageiro”; gr. ἄγγελος - *ángelos*: mensageiro de assuntos humanos, que fala no lugar de quem o enviou; lat. *Angelus* - *anjo*: pessoa bondosa). As Escrituras do Antigo e Novo Testamento mencionam a presença de anjos, porém não determinaram a função dos mesmos. Segundo Oliva Melançon, coube aos primeiros escritores da Igreja, à escolástica, o estudo de suas diferentes categorias, a definição do termo “anjo”, que por sua vez passou a ser aplicado a todos. “A São João Crisóstomo e a São Cirilo de Jerusalém é que

se atribui o número das ordens angélicas, fixado então em nove; número esse que será guardado sobretudo por São Dionísio, o Areopagita, por São Gregório Magno, e por toda a tradição posterior... Mas coube a Dionísio estabelecer uma teoria completa respeitante às ordens e às hierarquias celestes. Santo Tomás de Aquino aceitará esta teoria, com algumas variantes...”. O mundo angélico dividido por Dionísio assim se apresenta: a) primeira hierarquia: serafins, querubins e tronos; b) segunda hierarquia: dominações, virtudes e potestades; c) terceira hierarquia: principados, arcanjos e anjos (MELANÇON, Oliva, pp. 16-19). Os anjos existem: a) como “servidores e mensageiros de Deus, porque contemplam ‘constantemente a face de meu Pai que está nos céus’ (Mt 18,10), são poderosos executores de sua palavra, obedientes ao som de sua palavra’ (Sl 103,20)” (CIC 329); b) no Cristo, “...centro do mundo angélico. São seus os anjos: ‘Quando o Filho do homem vier em sua glória com os seus anjos... (Mt 25, 31)’” (CIC 331); c) na Igreja, que “...se beneficia da ajuda poderosa dos anjos...” (CIC 334). Nas palavras de São Basílio: “Cada fiel é ladeado por um anjo como protetor e pastor para conduzi-lo à vida” (CIC 336); d) com Maria, pois “Ela resplandece como Rainha dos Anjos e dos Santos, antecipação e ponto culminante da condição escatológica da Igreja” (RVM 23). Continua a carta apostólica sobre o Rosário: “...*Beato Bartolo Longo*, apóstolo do Rosário. De bom grado, faço minhas as comoventes palavras com que ele conclui a célebre *Súplica à Rainha do Santo Rosário*: ‘Ó Rosário bendito de Maria, doce cadeia que nos prende a Deus, vínculo de amor que nos une aos Anjos, torre de salvação contra os assaltos do inferno, porto seguro no naufrágio geral, não te deixaremos nunca mais’...” (RVM 43).

¹³ Sobre o suicídio, diz o Catecismo: “...contradiz a inclinação natural do ser humano a conservar e perpetuar a própria vida”. Se o ato: a) “for cometido com a intenção de servir de exemplo... o suicídio adquire ainda a gravidade de um escândalo”; b) foi uma consequência de “Distúrbios psíquicos graves, a angústia, ou o medo grave da provação, do sofrimento ou da tortura pode diminuir a responsabilidade do suicida”. Continua o Catecismo: “Não se deve desesperar da salvação das pessoas que se mataram. Deus pode, por caminhos que só Ele conhece, dar-lhes ocasião de um arrependimento salutar. A Igreja ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida” (CIC 2282, 2282 e 2283).

¹⁴ Jabuticaba – nome científico: *Myciaria cauliflora*. Os frutos (pretos) se produzem nos caules. A floração é branca.

¹⁵ São Bernardo, no Sermão “Na Festa de Pentecostes”, esclarece sobre a interseção de Maria, assim escrevendo: “Cristo descende substancialmente do seio da Virgem”, por isso “...o seio da Virgem Maria... com admirável propriedade, se chama o ponto cên-

trico da terra”, e ela mesma, em Deus, encontra “... seu centro, como arca de Deus, como causa das coisas”. Desse modo, ela intercede contemplando em Deus “...os que habitam o céu e os que habitam o inferno; os que nos precederam a nós que somos agora; e os que nos seguirão, os nascido dos nascidos e os que nasceram destes até o fim dos tempos. Os que estão no céu e contemplam para serem contemplados; os que moram nos infernos para serem livrados; os que precederam, para que se achem fiéis profetas; os que a seguem, para serem glorificados. Por isso te chamarão bem-aventurada todas as nações, Mãe de Deus, Senhora do Mundo, Rainha do Céu; ...Em ti encontram os olhos a alegria, os justos a graça, os pecadores o perdão para sempre. Com razão põem em ti seus olhos todas as criaturas, porque em ti e por ti e de ti a benigna mão do Onipotente realizou tudo que havia criado” (SAN BERNARD. *Sermão – Na Festa de Pentecostes*, 2, n. 4, p. 565). A maternidade de Maria com relação à Igreja, na ordem da graça assim se manifesta: “De modo inteiramente singular, pela obediência, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural das almas” (LG 61). A Virgem Maria, nos escreve S. Afonso Maria de Ligório, “...não só favorece e consola os seus devotos como também tira e livra do purgatório com sua intercessão”. Continua esse santo: “Refere S. Pedro Damiano que certa mulher, chamada Marózia, apareceu depois de morta a uma sua comadre e lhe disse que no dia da Assunção de Maria havia sido libertada do purgatório. Que juntamente com ela saiu um tão considerável número de almas, que excediam o da população de Roma” (AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, op. cit., p. 192-193). P. Jesuíta Ramón J. de Muñana diz: “As almas que estão no Purgatório podem ser ajudadas pelas orações dos santos que estão no Céu, e pelas orações e sufrágios dos fiéis que vivem neste mundo. Porém nada os ajuda com tanta eficácia como a Virgem Maria, Rainha do Purgatório; por isso a Igreja interpõe em suas preces litúrgicas a intercessão de Maria em favor dos fiéis defuntos” (MUÑANA, Ramón J. de, Tomo II, n. 487). Sobre o Purgatório se refere à Igreja Católica: “A igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença e de Trento. Fazendo referência a certos textos da Escritura (1 Cor 3, 15 e 1P1,7), a tradição da Igreja fala de um fogo purificador...” (CIC 1031).

¹⁶ *Cravo*. Flor de nome científico: *Dianthus Caryophyllus*. Na Itália significa contemplação.

¹⁷ A inspiração, a qual forjou a imagem do manto da Virgem, aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2008. Durante a viagem, no percurso entre as cidades de Porto Alegre e Camaquã onde moram meus pais, Edgar Hüttner e Adair Carmem de Abreu Hüttner.

¹⁸ O Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO em dezembro de 1983. O Sítio localiza-se na cidade de São Miguel no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

¹⁹ Em 2005 o sino de bronze de São Miguel (fundido em 1726) teve seu peso oficialmente conferido (910 kg). O sino novamente dobrou, e seu som foi ouvido nas ruínas depois de mais de dois séculos. Todo o processo de levantamento do sino, bem como suas badaladas, foi gravado pelo escultor João Herter, morador de São Miguel. As inscrições do sino de bronze são: ANGELVS PACIS MICHAEL IN AEDES - S. MICHAEL ORA PRO NOBIS ANNO 1726. Sua tradução: Miguel, anjo da paz, da corte celestial - São Miguel, rogai por nós - ano 1726.

²⁰ A lenda sobre a origem da *cruz de Caravaca* fala de dois anjos: um Príncipe Mouro, Ibn-Hud, conhecido por Muhammad ben Yaquib (os mouros dominavam a região na época) quis conhecer a fé cristã. Ao saber que um de seus prisioneiros era o pároco Gines Perez Chirinos, ordenou-lhe que celebrasse uma missa no Castelo de Alcázar de Caravaca em 3 de maio de 1232. Seus servos limpavam uma sala do castelo de Alcázar e montaram um altar de acordo com a lista e as especificações do sacerdote preso. No dia da celebração estavam presentes não só o príncipe mulçumano, mas toda a sua família, seus servos e alguns soldados. Logo de início, Perez Chirinos sentiu falta da cruz, e por seu esquecimento ela não foi colocada na lista. Apreensivo, teve que explicar a todos que não poderia continuar o rito. Ibn-Hud ficou muito decepcionado e frustrado. Diante dessa situação, um milagre aconteceu: surgiram pela janela dois anjos que trouxeram uma cruz até o altar, trouxeram nada mais do que o *signum crucis*, lenho verdadeiro da *Cruz de Caravaca* (que chamam de Cruz Missioneira), no Sítio Arqueológico de São Miguel, que proveio de Múrcia conduzida pelos Jesuítas para as suas reduções no sul do Brasil. Em Caravaca, os Jesuítas tinham um noviciado e um colégio desde o século XVI (HÜTTNER, Édison e MONGELOS Rogério, pp. 56-58, 65).

²¹ Os anjos de arenito (querubins) trazidos a público em 2006 pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em cultura Indígena da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As duas peças estavam em meio a galhos numa antiga gruta construída pelos maristas na cidade de Passo Fundo, dedicada a *Nossa Senhora de Lourdes*, distante trezentos metros do bosque de jabuticabas, onde Raimundo havia tirado a vida. No dia 2 de novembro de 2007, os anjos de arenito foram levados para o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo e lá permanecem mais perto de sua Cruz, de Caravaca! (HÜTTNER, Édison e MONGELOS Rogério, p. 6). No escrito (IX – A Carta), Carmem, a mãe do Devoto, reza junto aos dois querubins, um de cada lado, protegendo sua *Cruz de Caravaca*. São os dois querubins encontrados na gruta de Passo Fundo.

²² Para o Devoto a madrugada é templo – uma ponte: equilíbrio luminoso que celebra e fortalece a vida; a proximidade e a distância entre a noite e o dia; o lugar onde transita “a sua linguagem”, a mensagem do Senhor percorrendo a terra de um lado a outro, todo o Universo (Sl 19, 5).

²³ O Amigo é o fundador da “Irmandade do Rosário” que muitas almas preparou para o Céu. A referência dessa irmandade representa todas as organizações que através de suas récitas e cantos celebram a Virgem do Rosário.

²⁴ Todos os mistérios do rosário são contemplados no Hino *A Pétala Branca*. Na abertura do Rosário medita-se: a) *Antífona*: o precioso rosário; b) *coros I, II e III*: as virtudes; c) Glória: dá-se glória à Virgem do Rosário.

²⁵ Uma antífona dá início ao Hino exultando o Rosário como crença que contempla a Trindade. Essa forma de introduzir cantando os mistérios do Rosário é uma opção, do início ao fim do Hino, cujo método para contemplar, como acena João Paulo II, “...pode ser melhorado. Tal é o objetivo da inserção, no ciclo dos mistérios, da nova série dos *mysteria lucis*, juntamente com algumas sugestões relativas à recitação, que proponho nesta Carta” (RVM 29). Essa Carta explica que na introdução à oração do Rosário, “nos distintos contextos eclesiais”, se reza o Salmo 70 (69): “Ó, Deus, vinde ao nosso auxílio (...) ao contrário, noutros lugares começa-se com a recitação do Creio em Deus Pai... Esses e outros modos, na medida em que dispõem melhor a contemplação, são métodos igualmente legítimos” (RVM 37).

²⁶ O Rosário rezado de conta em conta (argolas) é meditado como uma “corrente” que liberta, enfim, uma aliança que a todos une. Essa aliança forjada pelos mistérios do Rosário reflete a verdadeira liberdade da única Aliança, a *Nova Aliança* em Jesus Cristo, em seu sangue (Lc 22, 20). Nesse círculo indestrutível está Maria, *Arca* dessa *Aliança*, “verdadeiro Templo de Deus” (MC 6). A arca da Aliança comenta Plessis: “...era construída como uma madeira muito preciosa, era magnificamente ornada a bordo das tábuas da lei... Maria tem sido ornada com todas as virtudes dentro de uma natureza humana impecável. Ela carrega no seu seio o Cristo que se fez Pão e Vinho e reside na Eucaristia” (PLESSIS, Armand, p. 38).

²⁷ As récitas rezadas e cantadas representam um maravilhoso tesouro da crença católica. A alusão do canto das récitas de Ave-Marias que ecoam junto à “orquestra onipotente da Trindade” refere-se à proximidade dos devotos com a Trindade através da devoção à Maria: “É da máxima conveniência que os exercícios de piedade para com a Virgem Maria expressem, de maneira clara, a característica trinitária e cristológica que lhes é intrínseca e essencial. O culto cristão, de fato, é por sua natureza culto ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, ou, conforme se expressa a Liturgia, ao Pai por Cristo no Espírito. Nessa perspectiva, torna-se ele extensivo, legitimamente, se bem que de maneira substancialmente diversa, em primeiro

lugar e de modo singular, à Mãe do Senhor” (MC 25). Na parte final da *Divina Comédia*, São Bernardo pede à Virgem Maria que conceda a Dante Alighieri a possibilidade de ver Deus. Diz Bernardo: “... impõe-se que, orando, rogues auxílio à Mãe Divina, que só com ele podes contar agora. Escuta-me com fervor”. Dante então contempla a Trindade, dizendo o que vê: “Na profunda e clara essência de Deus, três círculos surgiram, parecendo de três cores distintas, mas de uma só conformação” (ALIGHIERI, Dante, Cantos XXXII e XXXIII). As mãos dos orantes dos devotos junto ao terço desvendam os sinais, alcançam os Céus.

²⁸ “... as virtudes teologais se referem diretamente a Deus. Dispõem os cristãos a viver em relação com a Santíssima Trindade e têm a Deus Uno e Trino por origem, motivo e objeto. Há três virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade” (CIC 1812). Sobre as virtudes rezadas no Rosário se refere Guardini: “Nelas se manifesta a força mais profunda do espírito e do coração do homem... a virtude, a perfeição vivente em Deus que se manifesta no homem” (GUARDINI, Romano, p. 62). Conforme Champagnat, aqueles que verdadeiramente vivem o espírito do santo rosário praticam virtudes, as virtudes de Maria: “Quem são, irmãos, aqueles que entram no espírito do santo Rosário? Quem são eles? Ei-los, meus irmãos: Ouçam e tirem proveito: são aqueles que, além de fazer tudo quanto acabamos de dizer, imitam, sempre mais as virtudes de Maria” (MARCELINO CHAMPAGNAT, SERMÕES, p.81). Para o santo, as virtudes de Maria são estas: a “obediência” (porque observa os mandamentos); a “humildade” (tudo faz com humildade); a “pobreza” (porque é pobre aos olhos do mundo e de Deus) (MARCELINO CHAMPAGNAT, SERMÕES, p. 77-83).

²⁹ A saudação “Ave, Maria” revela o encontro de duas fés, a do Anjo Gabriel que por ela anuncia o mistério da encarnação do Verbo e a fé de Maria, que nele acreditou, como diz Muñana: “O ato de fé mais sublime que podemos encontrar em toda a história da humanidade” (MUÑANA, Ramón J. de, Tomo I, p. 248).

³⁰ Jo 8, 12. “Ora, o livro do Apocalipse apresenta-nos assim uma Mulher: vestida de sol, com a lua debaixo dos pés” (Apoc. 12,1). Sobre a luz de Maria nos diz Delclos: “Ela não é a luz, mas a Luz brilha nela. É Maria (...) cheia de Luz”. (...) Do seu relacionamento (...) com o Sol que é Deus, uno e trino. Como diz uma canção de minha terra: O girassol, de tanto adorar o sol, dele tomou a fisionomia. Todo santo dia segue-o com seu olhar, O girassol de Jesus Cristo és tu, Virgem Maria” (DELCLOS, Antonio Orozco, pp. 5-7).

³¹ A virtude da esperança encontra sua morada no mês do Rosário, no doce olhar de Maria. São Ligório finaliza seu pensamento falando que Maria é a esperança de todos: “Olhai, pois, para nós, concluamos com Eutímio, olhai para nós finalmente com os vos-

sos olhos piedosos, ó Maria nossa misericordiosíssima! Pois somos servos vossos e em vós temos colocado toda a nossa esperança” (AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, p. 102).

³² Os passos de Maria mostram o caminho para a caridade, todos os seus passos, como aqueles, gravados na memória das montanhas de *Ain Karim* em Judá. “Maria dirige-se, pois, impelida pela caridade, à casa da sua parente” (RM 12). Seguir o caminho de Maria significa caminhar como ela, inspirar-se nela, imitá-la. Grignon de Montfort diz que todas as nossas ações devem ser feitas: a) *Par Marie*. Por Maria, pois todas as suas ações são conduzidas pelo “Espírito Santo de Deus”, pelo “espírito de Maria” quando tornamo-nos seus filhos, logo, filhos de Deus; b) *Avec Marie*. Com Maria, ou seja, ver suas ações como modelo que cumpre todas as virtudes de perfeição, cujo Espírito Santo tem formado em cada criatura. As “grandes virtudes de Maria” que precisamos guardar: a “fé, a humildade e a divina pureza”; c) *En Marie*. Em Maria porque ela é o “verdadeiro paraíso terrestre do novo Adão”: da árvore que dá o fruto da vida, Jesus Cristo; (...) “uma fornalha ardente de contínua caridade” (LOUIS-MARIE GRIGNION DE MONTFORT, nn. 258, 260 e 261).

³³ Em todos os cantos em homenagem ao Rosário este refrão será cantado: *Glória, ó Virgem do Rosário!*

³⁴ A primeira parte da meditação dos mistérios assim se distribui: *Oração*. No início de cada mistério se reza uma breve oração de santificação do nome conferido por Jesus Cristo: *Abba* – Pai. O nome do Pai é santificado numa das estações de cada mistério. Essa reza é recitada no lugar da oração do Pai-Nosso, que habitualmente se recita antes de cada dezena de Ave-Marias. Tal forma de oração busca contemplar o nome do Pai, o Nosso Pai, nos mistérios do rosário, do lugar onde Ele vê Maria com seu Filho. Aí está a fonte da santidade, onde se encontra o Pai, por isso proclamamos o seu nome, reconhecendo-o como santo, pois “A santidade de Deus é o centro inacessível de seu mistério eterno”, que “Por fim, em Jesus, o Nome do Deus Santo nos é revelado e dado... “É por *santificar* Ele mesmo o seu nome que Jesus nos manifesta o Nome do Pai” (CIC 2807, 2809, 2812). Em Stefano De Fiores, “...o culto em Maria deve conduzir à adoração e ao amor do Pai (LG 65)...Viver como ‘filho de Maria’ sob o exemplo do discípulo amado (Jo 18, 25-27) deve ser consequência e promessa de uma intensa vida de ‘filho de Deus’ com toda sua implicação” (DE FIORES, Stefano, p. 78). SÃO CIPRIANO no tratado *De oratione dominica* sobre a Oração do Pai-Nosso diz: “...rezamos ‘santificado seja o teu nome’ não por desejarmos que o nome de Deus seja santificado pelas nossas orações, mas porque lhe pedimos que seu nome seja santificado em nós... Ele mesmo disse: Sede santos, porque eu sou santo (Lev 11,14), esta é a razão por que lhe pedimos e rogamos por nós, que somos santificados pelo batismo, perseveremos nesse caminho em que já demos os primeiros passos” (SÃO CIPRIANO, p. 20, n.

12); *As antífonas* exaltam o nome de Maria no profundo significado de cada mistério; *Os amigos* representam os dois amigos do Devoto. Os amigos que buscam o verdadeiro caminho, sob olhar de Maria; *O Devoto*. Os amigos encontram no Devoto o amigo que não os abandona, mostra-lhes o caminho, em seu caminho, clareando as dúvidas, à luz dos mistérios da vida de Maria.

³⁵ A Arca da Aliança estava em Silo, guardada pelo sacerdote Eli e seus filhos Hofni e Finéias. I Samuel 1, 3.

³⁶ A segunda parte assim se estrutura: *Introdução*. Dá início aos mistérios com passagens de Antigo Testamento relacionando-os com a vida de Maria; *Os Coros* são iniciados com uma introdução que reflete a vida de Maria com passagens bíblicas. Logo seguem os coros, em forma de orações em prosa, nas estações de cada mistério do rosário, os nomes de Jesus e Maria são cantados; *Glória*. Ao final dos coros, todos cantam dando glórias à Virgem do Rosário; *Súplica*. Na Segunda Parte do último mistério, o Mistério da Glória, o Hino é finalizado com uma bela *Súplica* à Maria.

³⁷ SCHEEBEN, ao versar sobre “A luz, símbolo da graça”, diz: “A natureza divina em si mesma é a mais pura luz. Ao participarmos dela pela graça, continua necessariamente sendo uma *luz*, luz procedente do seio de Deus e que ilumina nossa alma, glorifica-a e transforma-a de claridade, até convertê-la em imagem de Deus (1 Jo 1,5). Se Deus, sendo luz em si mesmo, é também, como afirma S. Tiago, Pai das luzes, de quem procede todo dom excelente e toda graça perfeita (2 Cor 3, 18), o melhor e mais perfeito dom de Deus, a graça, há de ser, igualmente, a mais pura e a mais bela das luzes” (SCHEEBEN, Matthias Joseph, p. 147).

³⁸ Os Amigos meditam a passagem de Lucas 8,5: “O semeador saiu a semear a sua semente”, buscando interpretá-las, como graças semeadas, perguntam sobre os seus frutos.

³⁹ Na simbologia sacra cristã diz Heinz-Mohr: “Os Padres da Igreja entendiam a Fênix como imagem da imortalidade da alma humana, e, ademais, em virtude das circunstâncias de sua morte e sua renovação, como símbolo de Cristo”. A figura de Fênix encontra-se na arte, como no “mosaico da abside de S. Cosme e S. Damiano – sobre uma palma como pássaro do paraíso à direita de Cristo” (HEINZ-MOHR, Gerard, p.159).

⁴⁰ “... a súplica é a última resposta, concreta e prática a todas as dificuldades da vida espiritual... No Rosário, pedimos à Virgem esta ciência, este segredo e esta sabedoria a que chamamos súplica. A nossa única infelicidade é não sabermos suplicar” (LAFRANCE, Jean, p. 70).

⁴¹ “Oh! Quantos não estariam agora no Céu, se Maria, com sua intercessão, para ali não os tivesse conduzido... garante São Boaventura que as portas do céu se abrem para receber a quantos confiam no patrocínio de Maria” (AFONSO MARIA DE LIGÓRIO, p. 196).



Ave Maria gratia plena
Dominus tecum. Benedicta
tu in mulieribus et benedictus
fructus ventris tui, Jesus.
Sancta Maria, Mater Dei, ora
pro nobis, peccatoribus, nunc
et in hora mortis nostræ. Amen.

